



Faculdade de Ciência da Educação e da Saúde - FACES
Curso de Psicologia

**ANÁLISE COMPORTAMENTAL DO FILME “COMO NÃO PERDER ESSA
MULHER”**

Jéssica Gomes Cordeiro

Carlos Augusto de Medeiros

Brasília – DF

2015

**Faculdade de Ciência da Educação e da Saúde - FACES
Curso de Psicologia**

**ANÁLISE COMPORTAMENTAL DO FILME “COMO NÃO PERDER ESSA
MULHER”**

Jéssica Gomes Cordeiro

Monografia apresentada ao Centro Universitário de Brasília como requisito básico para obtenção do grau de Psicólogo da Faculdade de Ciências da Educação e Saúde (FACES).

Professor Orientador: Dr. Carlos Augusto de Medeiros.

Brasília – DF

2015



Faculdade de Ciência da Educação e da Saúde - FACES

Curso de Psicologia

Folha de Avaliação

Esta monografia foi aprovada pela comissão examinadora composta por:

Prof. Dr. Carlos Augusto de Medeiros

Prof.^a Dr.^a Michela Rodrigues Ribeiro

Prof.^a Renata Vale

Brasília – DF

2015

Agradecimentos

Ao meu pai, Raimundo, que acreditou e investiu em mim, sem hesitar nenhum segundo, durante todos estes anos de formação. Muito obrigada!

À minha mãe, Ângela, que por tantas vezes me ouvir falar do curso, das conquistas, das dificuldades, dos sonhos e incertezas, sempre me apoiando e dando forças. Você esteve sempre comigo!

À minha irmã, que se disponibilizou a dar suas impressões e, acima de tudo, pelas longas conversas durante nossas vidas, que fazem de mim quem sou hoje e a psicóloga que serei.

Aos amigos e primos, que por tantas vezes ao longo desses anos tiveram seus convites recusados, mas continuaram onde sempre estiveram, acreditando que tudo era por uma boa causa.

A todos que se dispuseram a dar suas impressões sobre o filme e sobre as discussões e organização deste trabalho.

Aos professores incríveis com quem pude aprender durante toda a minha formação.

Devo grande parte da transformação pela qual passei nestes anos a vocês.

Ao querido Guto, sem dúvida o professor mais importante da minha formação, por ter acreditado em mim, por ter me dado oportunidades, por ler e corrigir meus textos enormes e por ter me ensinado tanto. Será sempre lembrado com carinho!

À banca avaliadora, pela audiência e considerações.

Sumário

| | |
|--|----|
| Resumo | 01 |
| Introdução | 02 |
| Fundamentação Teórica | 04 |
| Capítulo 1. Comportamento Verbal | 04 |
| Capítulo 2. Regras | 07 |
| Capítulo 3. Autocontrole | 08 |
| Capítulo 4. Comportamentos Privados e Behaviorismo Radical | 12 |
| 4.1. Fantasiar | 14 |
| 4.2. Comportamento Emocional | 15 |
| Capítulo 5. Autoconhecimento | 18 |
| Capítulo 6. Cultura e Agências Controladoras | 20 |
| Sinopse | 22 |
| Análise do Filme | 24 |
| Capítulo 1. Vídeos Pornográficos X Relação Sexual | 24 |
| Capítulo 2. A Relação de Jon com a Igreja | 30 |
| Capítulo 3. Fontes de Reforço Social: Amigos e Família..... | 37 |
| Capítulo 4. “A coisa mais linda que já vi na minha vida” | 46 |
| Capítulo 5. Esther | 59 |
| Capítulo 6. O Final Feliz: Sensibilidade aos Reforçadores Naturais | 65 |
| Conclusão | 70 |
| Referências Bibliográficas | 72 |

Resumo

Os relacionamentos amorosos são uma das formas de interação entre os seres humanos. A cultura na qual um indivíduo está inserido oferece variáveis de controle de comportamentos diante destas situações, como regras, modelos e conseqüências aversivas ou reforçadoras. A análise de produções artísticas como filmes, permite visualizar a função de comportamentos dentro de um contexto complexo e a forma como situações da vida das pessoas ilustram conceitos descritos na literatura técnica em Análise do Comportamento. O filme “Como não Perder esta Mulher” apresenta em suas cenas contingências que correspondem as que comumente se configuram na realidade, além de propor uma visão crítica sobre padrões culturalmente impostos. Os objetivos deste trabalho foram analisar funcionalmente o comportamento do personagem principal da trama e, eventualmente, de outros personagens, além de elaborar hipóteses sobre condições de aquisição de alguns comportamentos. Para isso, foram definidos conceitos relevantes para a compreensão da análise como operantes verbais, autoconhecimento e autocontrole. As análises foram divididas entre o comportamento sexual do personagem, sua relação com a agência controladora religiosa, com seus amigos e família, com Bárbara e com Esther. Foram ainda analisadas as mudanças no padrão comportamental do personagem principal.

Palavras-chave: Relacionamentos Amorosos, Análise do Comportamento, Comportamento Verbal, Autoconhecimento, Autocontrole.

O ser humano, como um ser complexo, relaciona-se com o meio das mais diversas formas. A interação com outros seres humanos é, praticamente, inevitável e um exemplo da riqueza de possibilidades de ação sobre o mundo e de ser influenciado por ele. Dentre essas formas de interação entre as pessoas, estão os relacionamentos amorosos. Este tema está muito envolvido com a cultura e não apenas com uma determinação filogenética para a reprodução da espécie.

Apesar de existirem na cultura diferentes pontos de vista sobre temas como o amor, a paixão e o sexo, existem também muitos padrões. Normas de conduta são impostas, mesmo havendo o risco de não corresponderem ao que acontece de fato na vida do indivíduo. Por meio destas normas, um grupo social pode julgar comportamentos, proibir alguns e incentivar outros. O indivíduo que segue todas essas instruções arrisca-se a acabar prejudicado em suas relações.

A Psicologia interessa-se por esse tema por ele estar bastante presente na vida das pessoas e impactar seriamente seu bem estar psicológico. Existem estudos sistemáticos abordando estas questões e suas implicações no cotidiano dos indivíduos. Existem ainda produções artísticas que discorrem sobre os relacionamentos amorosos. Algumas dessas produções tem maior proximidade com o que pode ser visto na vida real e incentivam um certo nível de reflexão sobre os padrões de comportamento nestas situações, propondo uma visão alternativa.

O filme “Como não perder essa mulher” é um exemplo deste tipo de produção. Tem proximidade com a realidade quando mostra a grande diferença das condutas incentivadas culturalmente para homens e para mulheres e quando ilustra expectativas e cobranças que costumam aparecer entre os casais. O filme propõe uma visão crítica sobre o seguimento de alguns padrões culturalmente impostos.

A análise de filmes tem grande validade no que diz respeito ao treino de análises funcionais de comportamentos. A partir de trabalhos como este, é possível ilustrar vários conceitos vastamente discutidos na literatura analítica comportamental como regras, controle por reforçadores condicionados generalizados, correspondência dizer-fazer, intraverbais, racionalizações, autoconhecimento e autocontrole.

Este trabalho pode ser usado para fins didáticos. Na maioria dos livros que tratam de conceitos mais básicos em Análise do Comportamento, são usados exemplos bastante simplificados e, muitas vezes, artificiais para explicar a teoria da abordagem. Apesar de serem úteis e facilitar o entendimento do conceito, esse método pode acabar se tornando experiência pouco reforçadora para os estudantes. A tentativa de aplicação dos conceitos a situações complexas como as vivenciadas pelos personagens do filme, pode aumentar o valor heurístico das discussões envolvendo conceitos comportamentais.

Diante disso, o objetivo deste trabalho foi identificar variáveis de controle do comportamento de Jon, bem como entender como as novas contingências as quais o personagem teve acesso afetaram seus padrões comportamentais ao longo do filme. Eventualmente, foram analisados comportamentos de outros personagens. Além disso, buscou-se levantar hipóteses sobre condições de aquisição do padrão comportamental apresentado por Jon.

Para isso, será apresentada fundamentação teórica, sinopse e a análise propriamente dita. A primeira parte da análise discorrerá sobre as condutas de Jon frente a sua vida sexual. Em seguida, será discutida a relação de Jon com a Igreja e, adiante, com seu ciclo de convívio social. Nas sessões seguintes, os temas serão os relacionamentos com Barbara e Esther. Finalizando a análise, as últimas cenas do longa serão discutidas, enfatizando os efeitos das mudanças comportamentais de Jon.

Fundamentação Teórica

1. Comportamento Verbal

O comportamento verbal é uma categoria de extrema complexidade, com infinitas possibilidades de variação. Este tema é, portanto, é vastamente discutido na literatura técnica em Análise do Comportamento (Baum, 1999/2006; Barros, 2003; Medeiros, 2002; Skinner, 1957/1978; Vargas, 2007). Ao se analisar o repertório de uma pessoa, quase que inevitavelmente, comportamentos verbais serão abordados. Neste trabalho, serão discutidas algumas especificações desta categoria e conceitos relevantes para sua compreensão.

Um das mais básicas características do comportamento verbal é o fato de que ele não opera mecanicamente sobre o ambiente, sendo necessária a presença ou mediação de um ouvinte (Skinner, 1957/1978). O falante é aquele que emite um comportamento verbal e produz alterações no ambiente por intermédio de uma outra pessoa. O ouvinte é aquele que tem seu comportamento controlado pela verbalização do falante, produzindo alterações mecânicas no ambiente. A interação verbal entre estes dois organismos caracteriza um episódio verbal total e o comportamento do ouvinte é a consequência direta para o comportamento do falante (Skinner, 1957/1978). Diante disso, apesar do ser humano ser filogeneticamente capaz de verbalizar de maneira geral, a aquisição e manutenção deste comportamento depende de interação social (Baum, 1999/2006). O comportamento verbal é aprendido na interação com os membros da comunidade verbal (Baum, 1999/2006).

Skinner (1957/1978) propôs algumas categorias de comportamento verbal. Dentre estas categorias, existe o conceito de mando. De acordo com o autor, “um mando caracteriza-se pela relação especial e única entre a forma da resposta e o reforço

caracteristicamente recebido numa dada comunidade verbal” (Skinner, 1957/1978, p. 37). Isso quer dizer que, na própria topografia do mando já estará especificada a ação do ouvinte que proverá consequência reforçadora ao falante. Ainda de acordo com Skinner (1957/1978), um mando geralmente tem função de eliminar condições de privação ou de contato com estímulos aversivos.

Outra categoria de comportamentos verbais é o intraverbal. Este operante foi definido por Skinner (1957/1978) como uma resposta verbal controlada por um estímulo discriminativo também verbal. Segundo Barros (2003), ao intraverbalizar, o indivíduo está se comportando verbalmente de maneira correspondente a conexões que a cultura faz entre elementos. Assim, nota-se que o controle intraverbal está presente em muitas situações corriqueiras na vida das pessoas, como no que se chama cotidianamente de dar uma resposta automática a uma pergunta. Ocorre controle intraverbal também em situações como alguém ser perguntado se está bem e logo responder que sim, sem que haja controle discriminativo de seu real estado emocional.

Os tatos são operantes verbais controlados por estímulos discriminativos não-verbais (Barros, 2003). Para o autor, o comportamento de tatear é emitido quando um indivíduo descreve ou nomeia um objeto ou evento. Um exemplo disso poderia ser um indivíduo contanto aos amigos como foi sua noite anterior. O tato permite que o ouvinte tenha acesso a contingências as quais apenas o falante foi exposto (Santos, Santos & Marchezini-Cunha, 2012). Na topografia do tato, não existem elementos que especifiquem o estímulo que o reforçaria. Desse modo, ao ser consequenciado com estímulos condicionados generalizados como atenção ou demonstração de interesse, sua frequência tende a ser aumentada (Santos, Santos & Marchezini-Cunha, 2012).

O controle não-verbal faz parte da definição de tato, porém nem sempre sua topografia corresponde ao antecedente a que supostamente se refere. Tatos deste tipo,

são tratados na literatura técnica em Análise do Comportamento como tatos distorcidos. Nestes casos há uma falha do controle de um estímulo discriminativo sobre a topografia do tato, em decorrência de um controle preponderante de consequências generalizadas contingentes a topografias de respostas específicas (Medeiros, 2013). Este conceito é facilmente ilustrado pelo que se chama cotidianamente de “mentiras”.

É possível dizer que há baixa correspondência verbal quando alguém conta uma “mentira”, devido ao fato de não haver compatibilidade entre o evento relatado e o relato (Chamati & Pergher, 2009). De acordo com os autores, o comportamento de distorcer um relato é influenciado tanto por elementos advindos do ouvinte quanto da história de vida do falante. O ouvinte pode acabar reforçando, positiva ou negativamente, o relato distorcido (Baum, 1999/2006). Pode acontecer também de o ouvinte emitir consequências punitivas para relatos correspondentes (Pereira, 2013). Assim, pode-se dizer que o comportamento de emitir relatos correspondentes ou não depende de uma história de reforçamento social.

Na literatura técnica há ainda a definição de correspondência dizer-fazer. Quando o tema do tato é um comportamento do próprio falante e a topografia da verbalização apresenta falha de controle discriminativo, diz-se que houve baixa correspondência dizer-fazer (Wechsler & Amaral, 2009). O comportamento de emitir relatos que mantenham correspondência dizer-fazer pode ser modelado (Simonassi, Pinto & Tizo, 2011).

Diante destas discussões, vale lembrar mencionar o conceito de audiência não-punitiva e de seus efeitos sobre o comportamento verbal. Uma audiência não-punitiva é aquela na qual o ouvinte não provê estímulos aversivos como consequências a um relato do falante, independentemente de sua topografia específica (Medeiros, 2002). Diante de audiências desse tipo, a tendência é de que o relato se mantenha em alta frequência,

além de favorecer a emissão de respostas que apresentem correspondência dizer-fazer. Skinner (1953/1998) afirma que o efeito de contingências desse tipo pode ser o reestabelecimento de um comportamento suprimido pelo histórico de punição. Isso ocorre devido ao fato de que, não havendo controle aversivo, o falante não emitiria respostas de contracontrole¹ como a “mentira”.

A categoria dos mandos disfarçados de tato é um tipo de relato de baixa correspondência. Este termo é caracterizado por sua topografia de tato, apesar de manter função de mando (Skinner, 1957/1978). Aparentemente é uma verbalização que teria como reforço estímulos condicionados generalizados advindos do ouvinte, no entanto, a resposta do ouvinte que de fato reforça o relato é específica.

Outra categoria relevante é o do tato distorcido sob o controle intraverbal, que nada mais é do que uma resposta com topografia de tato, porém controlada por um antecedente verbal (Medeiros, 2013). Como toda distorção de relato, esta verbalização provavelmente foi conseqüenciada no passado com acesso a reforço negativo e/ou positivo e foi instalada no repertório do sujeito.

As respostas de racionalização são definidas na literatura técnica em Análise do Comportamento como “tatos distorcidos para si mesmos como ouvinte acerca das variáveis controladoras de um dado comportamento” (Medeiros, 2013, p. 127). Nestes casos, necessariamente, o sujeito não discrimina que está emitindo um tato distorcido (Pereira, 2013). Isso quer dizer que a pessoa que emite racionalizações não é capaz de descrever verbalmente as reais variáveis de controle do comportamento a que se refere. Em contrapartida, se o sujeito discrimina que está emitindo verbalizações de baixa correspondência sobre variáveis de controle de seu comportamento, diz-se que ele está emitindo uma justificativa distorcida (Medeiros, 2013).

¹Forma de se opor ao controle aversivo, podendo aparecer como comportamento de esquiva ou emissão de respostas aversivas ao agente controlador (Skinner, 1974/2012).

2. Regras

O comportamento de seguir regras está muito presente no repertório das pessoas. O termo regra foi definido por Skinner (1969/1984) como a descrição de uma contingência que exerce função discriminativa sobre o comportamento de um ouvinte. Sendo um comportamento de natureza operante, o seguimento de regras é reforçado pela comunidade verbal na história de vida do sujeito. O comportamento de seguir regras é selecionado por ter função adaptativa ao meio e costuma estar em alta frequência (Skinner, 1969/1984). De acordo com Baum (1999/2006), o seguimento de regras acaba se tornando generalizado.

Para aprimorar esta discussão, faz-se necessário compreender a distinção, em termos de procedimento, entre a aprendizagem por regras e outras formas de aquisição de comportamentos. Na modelagem, por exemplo, o comportamento é aprendido por meio de acesso a reforçadores advindos do contato direto com as contingências em vigor (Moreira & Medeiros, 2007). A resposta é emitida, reforçada e adquirida ou mantida. A aprendizagem por modelação caracteriza-se pela “imitação”, ou seja, o indivíduo observa um modelo comportando-se em determinado contexto e entrando em contato com determinada consequência e passa a comportar-se sob o controle desta experiência (Moreira & Medeiros, 2007).

Já na aprendizagem por regras, o indivíduo emite ou evita a emissão de dada resposta diante da descrição verbal de uma relação contingencial entre eventos antecedentes, consequentes e uma resposta (Skinner, 1969/1984). De acordo com Hayes, Zettle e Rosenfarb (1989), o seguimento de uma regra pode estar sob o controle tanto de reforçadores descritos nela mesma quanto de reforçadores que serão emitidos pelo falante diante do seguimento da regra. Para estes autores, o primeiro caso trata-se

de um exemplo de *tracking*, controlado pela consequência última e o segundo caso, um exemplo de *pliance*, controlado pela consequência próxima de caráter social.

Catania (1998/1999) afirmam que pessoas costumam seguir instruções e há algumas vantagens nisso. Uma delas seria o fato de que a regra substitui o contato direto com as contingências que é pré-requisito na modelagem, minimizando assim o tempo de aprendizagem e evitando contato com estimulação aversiva (Catania, 1998/1999; Skinner, 1969/1984). Segundo Carvalho e Medeiros (2005), as regras são uma forma mais direta de ensinar a resposta desejada. Skinner (1974/2012, p. 109) afirma que as regras “tornam mais fácil tirar proveito das semelhanças entre contingências”. Isso quer dizer que as regras favorecem a generalização. Além disso, podem proporcionar ao ouvinte acesso, mesmo que indireto, a contingências que talvez nunca entrariam em contato, tornando-se assim uma forma alternativa de ampliação de repertório (Skinner, 1974/2012).

Um das destas desvantagens do controle por regras seria o fato de que algumas delas acabam sendo emitidas de maneira implícita, ou incompleta (Baum, 1999/2006; Silva & de-Farias, 2010). De acordo com Skinner (1974/2012), diz-se que uma regra é incompleta quando alguns de seus termos (ocasião, comportamento desejado ou consequência) estão implícitos. Uma regra apresentada de maneira incompleta pode confundir o ouvinte e até mesmo o induzir a emissão de um comportamento que irá gerar contato com estimulação aversiva.

Esta situação está também diretamente ligada à desvantagem mais marcante do controle por regras: a redução da sensibilidade às contingências (Paracampo & Albuquerque, 2005). A insensibilidade às contingências é caracterizada pelo fato de que o comportamento não se mantém sob o controle das mudanças pelas quais ela passa (Barros, 2010). Nestes casos, a pessoa que se comporta seguindo uma instrução não

discrimina elementos da contingência em vigor com os quais a regra mantém baixa correspondência, ou seja, não discrimina que a regra é imprecisa. É possível que um sujeito que venha seguindo determinada regra, continue a fazê-lo mesmo que este comportamento já não lhe dê acesso a reforçadores ou até mesmo passe a ser punido

De acordo com Meyer (2007), o comportamento de um indivíduo pode também ser controlado por regras que ele próprio formulou. O falante e o ouvinte podem ser a mesma pessoa, tornado possível o seguimento de uma regra emitida pelo próprio organismo. Nesse caso, a regra passa a se chamar autorregra (Skinner, 1969/1984). As autorregras referem-se a um comportamento verbal do indivíduo que exerce controle sobre outros comportamentos de seu repertório, que podem ser também verbais ou não-verbais (Jonas, 1997). As autorregras podem ser formuladas tanto a partir de regras emitidas por um falante confiável quanto a partir da exposição do indivíduo as contingências (Matos, 2001).

De acordo com Jonas (1997, p. 146), o comportamento de formular autorregras, pública ou privadamente, “é reforçado arbitrariamente pela comunidade que modela autoconsciência”. Neste trabalho, entende-se “autoconsciência” por discriminação verbal de contingências em vigor. Caso o indivíduo não seja eficiente na discriminação de variáveis controladoras de seus comportamentos, torna-se provável a emissão de autorregras imprecisas. As autorregras também podem levar a insensibilidade às contingências (Baum, 1999/2006).

A formulação e seguimento de autorregras pode ter uma especial importância no que diz respeito ao que é tratado na comunidade verbal de analistas do comportamento como respostas de autocontrole. Esta categoria será discutida no capítulo a seguir.

3. Autocontrole

De acordo com o Behaviorismo Radical, como já mencionado, o comportamento é função de variáveis externas. Porém, o indivíduo não é passivo nem mero resultado da ação do ambiente pois também age sobre ele (Carrara, 1998/2005; Cruz, 2006; Skinner, 1953/1998). É possível que o indivíduo manipule variáveis ambientais de maneira a gerar mudanças em seu próprio comportamento (Skinner, 1953/1998). Esta afirmativa não deve ser interpretada como no senso comum, que considera nestes casos a ação de um agente interno (Tourinho, 2006). Ao exercer controle sobre outros comportamentos dele mesmo, o indivíduo está também se comportando. Diante disso, o comportamento de controlar-se deve ser analisado funcionalmente assim como todos os outros operantes do repertório do indivíduo (Cruz, 2006).

De acordo com Skinner (1953/1998), respostas de autocontrole costumam ocorrer diante de contingências em que algum comportamento gera consequências conflitantes, ou seja, dá acesso tanto ao reforçamento em curto prazo quanto à punição ou reforçamento de menor intensidade a longo prazo. Segundo Cruz (2006, p. 86), “o comportamento de autocontrole está diretamente relacionado a uma escolha de respostas concorrentes”. Skinner (1953/1998) propôs os conceitos de resposta controladora e resposta controlada. A resposta controladora é aquela que age no ambiente de maneira a alterar a probabilidade de ocorrência da resposta controlada (Skinner, 1953/1998). A resposta controlada implicaria em punição ou reforçamento de menor magnitude a longo prazo, apesar de ser mantida por reforço imediato.

É importante salientar que as contingências conflitantes não são, por si só, suficientes para garantir a emissão de resposta autocontrolada. O comportamento autocontrolado é selecionado e mantido por suas consequências, assim como os demais operantes.

Cruz (2006) discute contingências conflitantes nas quais o reforço imediato é o acesso a reforçadores primários. Segundo o autor, se um comportamento é positivamente reforçado por acesso a comida, sexo, água, a consequência aversiva atrasada deve ser de alta intensidade para aumentar a probabilidade de emissão de uma resposta controladora. Se a consequência atrasada não puder concorrer em termo de magnitude com o reforço natural imediato, as chances de autocontrole serão mínimas.

Para que seja possível manipular estas variáveis é necessário que o indivíduo discrimine estímulos ambientais relevantes para o comportamento a ser controlado. Sendo assim, o autocontrole depende do autoconhecimento (Carrara, 2006). Este conceito será discutido no sétimo capítulo deste trabalho.

4. Comportamentos Privados e Behaviorismo Radical

No que se refere a comportamentos que não são publicamente observáveis, é comum que o Behaviorismo Radical seja mal interpretado (Pereira, 2013). De acordo com Skinner (1989/2002, p. 13), “uma preocupação possivelmente excessiva com a ‘objetividade’ talvez seja responsável pela confusão”. Alguns pressupostos de sua teoria tornam clara a posição do autor diante de eventos privados.

A visão monista de homem talvez seja o mais fundamental destes pressupostos. Nesta forma de entendimento da natureza humana, a metafísica e a ideia de um ser dividido entre mente e corpo são consideradas um equívoco (Marçal, 2010). Isso quer dizer que o homem é uma unidade e nada dele foge do âmbito natural. Entende-se, portanto, que os comportamentos privados não são fenômenos mentais de natureza distinta. De acordo com Guilhardi (2002a, p. 1) são, na verdade, “manifestações corporais, concretas, do organismo”. Comportamentos privados são um subproduto da ação das contingências de reforçamento em vigor, assim como os comportamentos

públicos (Guilhardi, 2002b). Comportamentos privados diferem-se dos demais por uma característica: acessibilidade restrita a própria pessoa que se comporta (Skinner, 1974/2012). De acordo com Skinner (1974/2012 p. 23), “(...) seria loucura negligenciar tal fonte de informação só por ser a própria pessoa a única capaz de estabelecer contato com seu mundo interior”.

Outro posicionamento marcante do Behaviorismo Radical é o de que o comportamento é determinado. Um comportamento é fruto de eventos ambientais (Marçal, 2010). Pode-se relacionar esta ideia à visão externalista de causalidade. De acordo com esta visão, os eventos antecedentes aos quais um comportamento é função são ambientais (Marçal, 2010). Esse raciocínio leva à compreensão de que um comportamento não causa outro. Ambos são determinados por diversos estímulos aos quais o organismo tem acesso na interação com o ambiente. O fato é que os comportamentos privados são determinados pelas contingências, assim como os comportamentos públicos (Rico, Golfeto & Hamasaki, 2012).

De acordo com Catania (1998/1999), um mesmo evento ambiental pode ser condição para que ocorram tanto respostas privadas quanto públicas. A proximidade temporal entre estas respostas aparenta uma falsa relação de dependência entre elas. Além disso, outro fator que contribui para que a função de causa seja equivocadamente atribuída nesses casos é o fato de que o comportamento de atentar para variáveis ambientais raramente é reforçado nas relações sociais. Muitas vezes a complexidade do contexto antecedente é uma variável que contribui para a redução da probabilidade de haver discriminação de todos os seus elementos (Rico & cols., 2012).

Diante destas definições, entende-se que os comportamentos privados estão submetidos às mesmas leis que os demais comportamentos e, portanto, são também passíveis de análises funcionais (Marçal, 2010). Logo, é possível investigar a função

destes comportamentos, ainda que a acessibilidade a eles seja restrita. Ao analisar funcionalmente o repertório privado de um indivíduo, leva-se em conta tanto comportamentos respondentes quanto operantes (Costa & Marinho, 2002). Essa divisão é feita apenas com fins didáticos, já que esses comportamentos podem acontecer não apenas simultaneamente, mas também de maneira inter-relacionada. O histórico de condicionamento respondente e operante pelos quais um dado comportamento foi submetido devem ser levados em consideração numa análise funcional de comportamentos públicos e privados (Rico & cols., 2012).

Dentre os comportamentos privados estão os comportamentos nomeados cotidianamente pela comunidade verbal como sentimentos, emoções, pensamentos, imaginação (Cunha & Borloti, 2009). Os comportamentos nomeados como “fantasiar” e alguns sentimentos e emoções foram considerados relevantes para este trabalho e serão definidos a seguir.

4.1. Fantasiar

O comportamento de fantasiar, ou imaginar, é entendido pela Análise do Comportamento de maneira diferente do senso comum. Para a Análise do Comportamento, estes, assim como todos os outros comportamentos operantes, serão aprendidos e mantidos no repertório de alguém devido as contingências atuais e históricas. Skinner(1974/2012) refere-se ao fantasiar como uma forma de ver na ausência da coisa vista e afirma que este comportamento é comum entre as pessoas. De acordo com o autor, “Tendemos a agir no sentido de produzir estímulos que são reforçadores quando vistos” (Skinner, 1974/2012, p. 73). Baum (1999/2006) afirma que quando um estímulo ausente é visto, mesmo que seja uma cena inédita, o que acontece é uma repetição recombinação de estímulos já vistos. De maneira geral, o que estes autores

afirmam aplica-se ao comportamento de perceber na ausência do estímulo percebido, incluindo também ouvir, sentir, etc.

De acordo com Silva (2008), o comportamento de fantasiar pode dar acesso a variados reforçadores. Ainda segundo a autora, se uma fantasia tem maior valor reforçador que a realidade, sua probabilidade de reincidência futura será alta. Este comportamento pode ser reforçado tanto negativamente, pela esquiva da situação real aversiva, quanto positivamente, por certas respostas emocionais possivelmente eliciadas pela estimulação produzida pelo comportamento de fantasiar (Silva, 2008). Operações estabelecidas como a privação também podem influenciar a frequência deste comportamento, como imaginar um bolo de sabor reforçador ao qual não se tem acesso há muito tempo (Skinner, 1974/2012). Assim, o fantasiar pode ser uma maneira de idealizar uma realidade à qual não se teve acesso (Silva, 2008).

4.2. Comportamento Emocional

Este tipo de comportamento, na linguagem leiga cotidiana, é frequentemente interpretado como causa de comportamentos públicos (Skinner, 1989/2002). É comum dizer que alguém chorou e isolou-se por que estava triste ou magoado. Esta forma de falar sobre emoções é reforçada na comunidade verbal durante toda a vida do indivíduo. De acordo com Guilhardi (2002, p. 4), esta é uma visão “impregnada de dualismo mentalista” que desconsidera o poder de controle das variáveis externas. Diante disso, nota-se que ao negligenciar as variáveis externas de controle como eventos antecedentes e conseqüências, as pessoas não têm condições de discriminar a função de seus sentimentos.

Os atos emitidos sob o controle de sentimentos são especialmente relevantes nas interações sociais, contribuindo de maneira positiva no relacionamento entre as pessoas (Rico & cols., 2012). A comunidade verbal tem fundamental importância no que diz

respeito a habilidade do indivíduo em discriminar e nomear estes comportamentos (Baum, 1999/2006). Tais comportamentos geralmente são modelados desde a aquisição de repertório verbal. Se uma criança cai e começa a chorar, logo a mãe pergunta se ela está com dor. Assim, a criança passa a nomear sensações semelhantes da mesma forma. O que acontece, de fato, é que as respostas emocionais de um indivíduo são nomeadas por um outro membro de sua comunidade verbal a partir de indícios publicamente observáveis (Rico & cols., 2012). Em decorrência disso, Skinner (1989/2002, p. 15) diz que “(...) palavras que designam sentimentos não são ensinadas com tanto sucesso quanto palavras que designam objetos”.

De acordo com a ótica analítico-comportamental, o nome que se dá a um sentimento não é elemento essencial para compreender sua função. O que realmente importa é a influência exercida por um conjunto de variáveis ambientais sobre estes comportamentos (Rico & cols., 2012). Apesar disso, é possível identificar que algumas respostas emocionais costumam ser nomeadas da mesma forma por ocorrerem diante de contingências semelhantes (Rico & cols., 2012). Conhecer estes casos é útil para um entendimento, mesmo que aproximado, do que uma pessoa possa ter sentido diante de determinada situação de sua vida. A seguir alguns nomes de sentimentos serão descritos sob esta lógica.

O sentimento de “culpa” é um tipo de estimulação aversiva e ocorre comumente diante de situações em que, ao comportar-se de maneira incompatível com o que é esperado socialmente, o indivíduo discrimina que seu comportamento será punido (Rico & cols., 2012). Neste contexto, o que costuma ocorrer é a punição sobre a pessoa, ou seja, passa a ideia de que ela, e não o comportamento, é inadequada (Guilhardi, 2002). O indivíduo irá aprender, provavelmente mediante regras e exposição a contingências punitivas, o que é um comportamento socialmente inadequado (Guilhardi, 2002). O

sentimento de “culpa” diante de comportamentos categorizados como inadequados pode ser considerado um efeito colateral de uma cultura que não estimula o indivíduo a discriminar as funções de seus comportamentos e sente-se inteiramente responsável por eles, sem considerar variáveis externas de controle (Rico & cols., 2012).

Outra emoção relevante é o amor. Quando alguém diz que sente amor por outra pessoa, considerando que seja um relato de alta correspondência, está dizendo que esta pessoa sinaliza disponibilidade de reforço de alta intensidade para seus comportamentos (Skinner, 1989/2002). Comumente diz-se que se ama alguém que seja fonte de reforços como atenção, elogios, carinho, relação sexual, presentes, entre outros. De acordo com o Skinner (1989/2002), “prazer” é uma das palavras usadas para descrever o efeito do reforço em nosso organismo. Porém, vale ressaltar que a verbalização de amar algo ou alguém deve ser analisada por sua função. Como descrito previamente neste trabalho, atos podem ser distorcidos sob o controle de diversas variáveis.

Por fim, o sentimento de frustração é um efeito do controle aversivo e um tipo especial de raiva (Skinner, 1953/1998). De acordo com Catania (1998/1999, p. 406), este termo “é um rótulo para alguns efeitos colaterais da extinção”. Se uma pessoa nega um favor, a pessoa que a pediu pode ficar frustrada caso já tenha recebido favores dessa pessoa em ocasiões passadas. O sentimento de frustração pode ocorrer ainda quando alguém que costuma ser elogiada ao preparar e servir refeições sofisticadas a sua família, certa vez não ouve nenhum comentário elogioso.

Diante destas discussões, vale aqui a conclusão de Guilhardi (2002a, p. 7) sobre a origem dos sentimentos:

Se os comportamentos-sentimentos são efeitos colaterais das contingências de reforçamento, então *contingências amenas e gratificantes* (grifos do autor) não produzirão comportamentos com função de contra-controle ou de oposição

(como mentir ou atacar, etc.), mas com função de aproximação e colaboração (como dialogar, dividir tarefas para benefício de todos, etc.); também não produzem sentimentos desagradáveis (raiva, ansiedade, culpa, etc.), mas sentimentos positivos (como satisfação, bem estar, amor, etc.) (Guilhardi, 2002a, p. 7).

5. Autoconhecimento

Para a Análise do Comportamento, se diz conhecer algo quando existe repertório para responder de maneira eficiente a uma situação ou quando o comportamento de descrever verbalmente a contingência em vigor é emitido (Serio, 2001). Sendo assim, só é possível conhecer algo interagindo com o meio. O autoconhecimento é considerado uma forma de conhecer. De acordo com Brandenburg e Weber (2005, p. 88), “autoconhecimento é autodiscriminação de comportamentos e estímulos a eles relacionados”. Neste tipo específico de conhecimento, estão implicados dois comportamentos verbais do mesmo indivíduo: um comportamento que será descrito e o comportamento de descrever uma parte de seu próprio repertório (Serio, 2001). Os comportamentos descritos e os descritivos podem ser tanto privados quanto públicos (Brandenburg & Weber, 2005).

Deve-se atentar ao fato de que o comportamento descrito e o comportamento de descrever provavelmente estão sob o controle de variáveis distintas e a emissão de um não implica a emissão do outro (Serio, 2001). Isso quer dizer que é possível emitir comportamentos sobre os quais não se tem conhecimento.

De acordo com Skinner (1974/2012, p. 31) “o autoconhecimento é de origem social”. A descrição de seu próprio comportamento, assim como todo comportamento verbal, é treinada pela comunidade da qual o indivíduo faz parte, é fruto de

contingências específicas programadas pelo grupo. Esse treino se dá geralmente ao fazer perguntas sobre o que o indivíduo sente, do que gosta, o que quer fazer, e ao proporcionar acesso ao reforçamento. Como já discutido neste trabalho, o indivíduo aprende a responder a perguntas sobre seus comportamentos privados também mediante treinos advindos de seu contato com a comunidade verbal. Desse modo, o comportamento de auto-observação é socialmente modelado (Serio, 2001). Em contrapartida, o comportamento de atentar-se para variáveis controladoras ambientais, normalmente, não passa por um treino muito refinado. Este fato contribui para o estabelecimento de explicações mentalistas para o comportamento humano (Brandenburg & Weber, 2005).

O autoconhecimento, apesar de não ser a única variável de influência, pode ser relacionado ao conceito de autocontrole. De acordo com Silva (2007), é necessário que haja discriminação de comportamentos e que o comportamento de descrever verbalmente relações funcionais seja emitido para aumentar a probabilidade de ocorrência de comportamentos autocontrolados. Por exemplo, ao notar que o comportamento de praticar atividades físicas torna-se menos provável ao final do dia (resposta de autoconhecimento, discriminação de variáveis que atuam sobre uma resposta), um indivíduo pode ajustar seu despertador para acordá-lo mais cedo e correr pela manhã (resposta controladora). Desse modo, uma resposta de autoconhecimento que descreve uma contingência passa a ter função de autorregra e pode exercer controle sobre partes do repertório do indivíduo.

Diante destas discussões, pode-se dizer que, apesar de não ser agente causador de comportamentos, o autoconhecimento pode ser uma variável relevante para mudança de um repertório comportamental. A emissão de respostas controladoras em detrimento de respostas que menos vantajosas a longo prazo é um exemplo disso. O indivíduo que

aprendeu a emitir respostas de autoconhecimento torna-se mais habilidoso para lidar com o ambiente (Silva, 2007).

6. Cultura e Agencias Controladoras

Dentre os três níveis de seleção do comportamento descritos por Skinner (1987), está a cultura a qual o indivíduo faz parte. De acordo com Baum (2006/2007, p. 261), “[...] cultura é o comportamento aprendido de um grupo”. Práticas culturais envolvem comportamentos operantes, tanto verbais quanto não verbais, e são adquiridos e mantidos no repertório de um indivíduo pelas consequências programadas pelo grupo (Baum, 1999/2006). O conceito de cultura baseia-se na interação social entre indivíduos (Moreira, Machado & Todorov, 2013). De acordo com Skinner (1953/1998), se há mais de uma pessoa administrando consequências de efeito semelhante sobre um comportamento, o controle tende a ser mais eficiente. O autor afirma ainda que o indivíduo além de ficar sob o controle do grupo, também exerce controle sobre o comportamento dos outros membros (Skinner, 1953/1998).

Em uma cultura existe uma padronização do que é considerado “certo” ou “errado”, ou seja, quais são os comportamentos aceitos pelo grupo (Skinner, 1953/1998). A partir dessas definições, haverá a distinção entre os comportamentos que serão reforçados dos que serão punidos ou extintos. O critério usado nessa classificação seria o “bem comum” do grupo (Skinner, 1953/1998).

Em muitos casos, a classificação de comportamentos adequados ou inadequados não é feita formalmente e o indivíduo aprende o que deve ou não fazer diante das consequências de seus comportamentos ou por observação de modelos (Skinner, 1953/1998). Frequentemente a consequência administrada pelo grupo diante do

comportamento de seus membros é condicionada generalizada, como por exemplo elogios, agradecimentos, críticas, ameaças entre outras (Skinner, 1953/1998).

Dentro das culturas existem ainda grupos de controle organizados que agem sobre classes específicas de comportamento: as agências controladoras (Skinner, 1953/1998). Como exemplos destas, existem o Estado, a Escola, a Mídia, as Religiões, grupos de Amizade, a Família. Segundo Dittrich, Todorov, Martone e Machado (2013), na relação entre agência de controle e controlado há uma reciprocidade, já que, para que a primeira exerça controle, esse poder deve ser reconhecido pelo segundo. Há uma relação mútua de reforçamento entres estas duas instâncias. Estas agências de controle, assim como a cultura de maneira geral, julgam comportamentos e tem seus valores definidos. Há algumas particularidades de determinadas agências de controle que valem ser mencionadas.

Skinner (1953/1998) relaciona a agência religiosa ao conceito de comportamento supersticioso². As regras relacionadas a esta agência descreve relações arbitrariamente estabelecidas, como confissão e perdão divino, geralmente remetendo ao sobrenatural (Skinner, 1953/1998). Como principal técnica de controle, a agência religiosa usa o controle aversivo (Catania, 1998/1999). Um exemplo disso é a relação estabelecida entre comportamento pecaminoso e condenação ao inferno. O perdão é oferecido como uma fuga do “sentimento de pecado”, gerado pela emissão de comportamentos condenados pelo grupo (Skinner, 1953/1998). O critério para reforço ou punição é o que é considerado virtuoso ou pecaminoso, enquanto o bem estar dos membros do grupo não é critério tão relevante (Skinner, 1953/1998). De acordo com o autor, obediência e autocontrole são comportamentos extremamente valorizados por esta agência.

² Comportamento acidentalmente reforçado em situações nas quais a proximidade meramente temporal entre eventos é confundida com uma relação contingencial (Benvenuti, 2001).

De acordo com Albanezi (2014), a agência de controle Família tem como característica particular o fato de que é influenciada pelas outras agências como religião, educação e governo. Ao mesmo tempo, a agência familiar prepara o indivíduo para responder a situações do grupo mais amplo e dentro destas outras agências (Naves & Vasconcelos, 2008). A escolha das técnicas de controle usadas no contexto familiar também está sob o controle de elementos de outras agências, que podem ter função de modelo. Dessa forma, o controle aversivo frequentemente acaba acontecendo (Lemes & cols., 2001).

SINOPSE

Título Original: Don Jon

Título brasileiro: Como Não Perder Essa Mulher

Gênero: Comédia Romântica

Roteiro: Joseph Gordon-Levitt

Direção: Joseph Gordon-Levitt

Produção: Hitrecord Films

Ano: 2013

O filme conta a estória de Jon Martello (interpretado por Joseph Gordon-Levitt), um jovem barman considerado por seus amigos um grande conquistador, título do qual se orgulha muito. Logo no início do filme, Jon lista as coisas com as quais se importa na vida: “Meu corpo, meu apê, meu carro, minha família, minha igreja, meus amigos, minhas garotas e minha pornografia”.

Jon dedica grande parte do seu tempo livre a assistir vídeos pornográficos e se masturbar. Sempre que se aproxima de uma mulher, consegue conquista-la e ter relação sexual com ela, mas essas relações nunca o satisfazem tanto quanto os vídeos

pornográficos. Ele frequenta a igreja e sempre confessa seus pecados ao padre. Costuma pagar a penitência imposta enquanto faz musculação, algo de que gosta muito.

As cenas com a família de Jon, mostram uma mãe que cobra que ele tenha um relacionamento amoroso estável, uma irmã aparentemente indiferente e um pai com quem tem frequentes atritos. A relação com o pai é marcada também pelo fato de que os dois tem comportamentos muito parecidos e a aprovação dele parecer ser especialmente importante para Jon.

Jon conhece uma mulher “nota dez” (Bárbara, interpretada por Scarlett Johansson) e empenha-se em conquista-la fazendo coisas incomuns para ele. Barbara acaba impondo muitas condições para que passem a ter relações sexuais, às quais Jon cede. Durante todo o namoro, ele desfruta do reconhecimento e elogios que recebe principalmente de sua família por estar com ela.

Ao contrário do que Jon esperava, quando finalmente tem relação sexual com a namorada, ele não fica totalmente satisfeito e recorre aos vídeos pornográficos mais uma vez. Ele é flagrado pela namorada que impõe mais uma condição para que fiquem juntos: ele não deve nunca mais assistir a esse tipo de vídeo. Jon passa a assistir os vídeos somente na ausência dela.

No decorrer da história, Jon conhece Esther (interpretada por Julianne Moore), uma mulher mais velha que está passando por um momento difícil em sua vida. Esther demonstra, pelas cenas do filme, ter uma postura mais tranquila e madura em relação ao sexo quando comparada a Bárbara.

Enquanto Barbara parece tentar transformar Jon em seu namorado ideal, eles começam a ter problemas. Acontece uma briga na qual fica claro que ela não se importa de verdade com as coisas que Jon gosta de fazer, sempre criticando e impondo a sua

vontade sobre a dele. Ele parece se incomodar com isso, mas não ao ponto de terminar o relacionamento.

Barbara acaba descobrindo que Jon ainda assiste aos vídeos pornográficos e que havia mentido para ela. Apesar das tentativas de Jon de interromper a briga e convencê-la a desculpá-lo, ela acaba terminando o namoro. Jon volta à antiga vida de solteiro e a frequência em que assiste aos vídeos aumenta bastante. Ele passa a se esquivar de perguntas das pessoas com as quais se relaciona sobre o que aconteceu para que o namoro terminasse.

Jon e Esther passam a relacionar-se sexualmente, o que acontece de maneira bem mais natural. Pela primeira vez no filme, Jon fala com alguém sobre sua relação com os vídeos pornográficos. As conversas que eles têm sobre o assunto acabam fazendo com que ele mude sua relação com o sexo de maneira geral. O personagem passa a sentir-se mais satisfeito com o sexo real e os vídeos pornográficos perdem o valor que tinham em sua vida. Além disso, Jon passa a ter um maior nível de autoconhecimento e a desfrutar de elementos mais genuínos da relação com as pessoas.

Jon continua saindo com Esther, pelo prazer de sua companhia e de conhecê-la melhor, sem fazer grandes planos para o futuro ou grandes sacrifícios para provar que realmente deseja estar com ela.

ANÁLISE DO FILME

1. Vídeos Pornográficos X Relação Sexual

Na vida de Jon, os filmes pornográficos são uma das principais formas de acesso a reforçadores primários. A estimulação sexual, em princípio, é um reforço primário, ou seja, não depende de aprendizagem para apresentar função reforçadora (Baldwin & Baldwin, 1987/1998). Jon tinha muito tempo ocioso em seu dia-a-dia e as relações

sexuais que tinha não saciavam completamente sua privação de sexo. Estes são exemplos de condições ambientais que tornavam mais provável o comportamento de assistir filmes pornográficos e se masturbar. Mas é possível ainda fazer uma análise mais ampla para entender melhor a história de aquisição destes comportamentos com base em um padrão cultural que acaba influenciando a vida sexual de seus membros.

Desde o início da vida sexual dos indivíduos, principalmente para os jovens do sexo masculino, há grande influência do grupo social do qual fazem parte (Borges, 2007). Nesta comunidade, podem aparecer formas diversas de pressionar o indivíduo a seguir um padrão e uma delas são as regras. Pode ocorrer que descrições de relações sexuais passem a exercer função de regra sobre como deve acontecer, quais etapas seguir, como o indivíduo deve se sentir e fazer a parceira se sentir.

As informações disponíveis sobre o tema, ainda que vindas de fontes que podem não ser seguras, tornam-se variáveis potenciais de controle. De acordo com Olavarría (1999, citado por Borges, 2007), a busca de informações geralmente acontece num círculo social de pessoas de idade próxima e com aproximadamente o mesmo nível de contato com experiências sexuais. Se estas descrições tratarem-se de relatos de baixa correspondência verbal, é possível que alguns ouvintes tenham seus comportamentos controlados por regras imprecisas. Ao seguir uma regra imprecisa, o comportamento pode não ser reforçado ou até ser punido. Diante disso, é possível que respostas emocionais aversivas como “decepção” ou “frustração” sejam geradas.

O seguimento destas regras pode estar relacionado ao controle do comportamento sexual por reforçadores condicionados generalizados. De acordo com Borges (2007, p. 785), “a iniciação sexual dos garotos serve também como modo de expressão do processo de tornar-se homem, de consolidação da masculinidade”. Isso envolve um conjunto de regras sociais sobre quais comportamentos de um homem em

relação ao sexo serão reforçados. As descrições que tais regras fazem, além dos modelos aos quais o indivíduo tem acesso, podem contribuir para o estabelecimento de relação contingencial entre o sexo e reforçadores condicionados generalizados. Dessa forma, o comportamento sexual passa a ter função condicionada, além de sua função de reforçador primário.

Sendo assim, mesmo que os reforçadores primários do sexo não tenham a mesma magnitude descrita pela comunidade verbal, o comportamento de ter relações sexuais ainda pode dar acesso a reforço condicionado generalizado como elogios, reconhecimento, status perante o grupo social. Estes reforços podem ser disponibilizados diante de um relato de experiências sexuais ou até mesmo ao ser visto saindo com uma quantidade de parceiras valorizada pelo grupo. Se o comportamento de ter relações sexuais estiver primordialmente sob o controle deste tipo de variáveis, a sensibilidade a reforçadores naturais advindos da própria relação sexual poderá ser reduzida.

Diante destas análises, pode-se dizer que os comportamentos de Jon frente ao sexo podem ser denominados, de acordo com a linguagem cotidiana, de “imaturos”. As variáveis de controle do comportamento sexual de Jon, assemelham-se com as variáveis descritas por Borges (2007) como controladoras dos primeiros comportamentos relacionados à sexualidade de adolescentes. O controle por reforçadores condicionados generalizados é forte nos dois casos. É muito reforçador para Jon levar as mulheres para a casa dele ao fim das noitadas nas boates. Apesar de descrever vários elementos do sexo com elas que o tornam pouco reforçador, este comportamento continua em alta frequência. O reforço a que ele tem acesso por meio deste comportamento parece ser muito mais o de reconhecimento e elogios dos amigos que de fato a relação sexual com essas mulheres.

Em um contexto no qual a relação sexual é valorizada mesmo tendo sua função reforçadora primária enfraquecida, há espaço para uma visão idealizada do prazer sexual. Sobre filmes com cenas de sexo de um modo geral, Keeseey e Duncan (2005, citados em Gerbase, 2006, p. 42) dizem que “os filmes eróticos são um mundo dos sonhos em que vivemos, sem pecado ou vergonha, as infinitamente gratificantes fantasias sexuais que nos são vedadas na vida real”. Estes autores afirmam ainda que “A fotografia de uma estrela de cinema conduz, não a um momento de prazer sexual com uma mulher viva, mas a outra fotografia de outra estrela, mais atrevida e provocante que a primeira” (Keeseey & Duncan, 2005, citados em Gerbase, 2006, p. 42).

Diante desta discussão dos autores, pode-se dizer, sob a ótica da Análise do Comportamento, que o comportamento de Jon de fantasiar ao assistir vídeos pornográficos tem consequências reforçadoras. De acordo com Silva (2008), o comportamento de fantasiar pode gerar estímulos que terão função reforçadora imediata, podendo gerar inclusive respostas emocionais. O estado de privação em que Jon permanece após as relações sexuais reais, torna-se outro fator que contribui para que ele recorra novamente aos vídeos pornográficos que são, por sua vez, ocasião para o comportamento de fantasiar uma relação satisfatória (Silva, 2008). Assim, o contato com estímulos reforçadores é supostamente garantido.

Em contrapartida, comportamentos alternativos a esse tenderiam a não ser emitidos, como o comportamento de se engajar em um relacionamento do tipo “namoro” com uma mulher real. O alto custo de resposta e o atraso do reforçamento em contingências de relacionamentos mais duradouros também são algumas das variáveis que influenciam a baixa frequência do comportamento de investir em interações desse tipo. Assim, se os vídeos e o comportamento de fantasiar derem acesso a reforçadores suficientes para suprir privações relacionadas a mulheres de maneira geral, Jon poderia

jamais emitir estes comportamentos. A desvantagem do estabelecimento destas relações é que, provavelmente, Jon não entrará em contato com contingências de relacionamento duradouro e estável. Assim, ele não terá condições de discriminar que comportamentos que favoreçam o estabelecimento deste tipo de relação também poderiam dar-lhe acesso a reforçadores, mesmo que diferentes daqueles produzidos pelo comportamento de fantasiar.

Pelas afirmações de Jon, as consequências produzidas pelo comportamento de masturbar-se e assistir aos vídeos são de maior valor reforçador que as consequências produzidas pela relação sexual real, mesmo que ele tenha fácil acesso a esta última. A forma como ele descreve as sensações ao se masturbar parece subsidiar essa conclusão: “eu me perco”. Diante de uma experiência sexual virtual, Jon teria mais espaço para fantasiar o sexo idealizado com mulheres de atributos físicos perfeitos que dificilmente seriam replicados pelas mulheres que ele leva para a cama. Um exemplo disso seria o fato de que Jon parece ter mais facilidade para considerar uma mulher com quem ele fantasia um contato real digna de nota dez. Diante da imagem da atriz dos vídeos, ele poderia imaginar uma performance impecável.

Em contrapartida, uma mulher com quem ele tivesse de fato contato, não seria perfeita e poderia desagradá-lo eventualmente. Pode-se dizer ainda que o fato de Jon ser mais criterioso na escolha dos vídeos que das mulheres nas festas, pode estar em função do comportamento de discriminar que seja mais provável achar uma “mulher perfeita” nessas circunstâncias. Nas festas que frequenta, ele não demonstra estar procurando “a garota certa”, e sim qualquer mulher cuja beleza seja considerada por ele e os amigos digna de nota acima de “8”.

O personagem descreve quais elementos do sexo real entrariam em conflito com uma situação idealizada, tornando-o menos reforçador. Segundo ele, o sexo oral é um problema. Ele emite tatos sobre suas parceiras não o fazerem e ele continuar em estado de privação ou ele ter que fazer com a parceira antes para que, então, ela retribua, caracterizando uma situação que exige um alto custo de resposta. O fato do comportamento de assistir aos vídeos ser de menor custo de resposta torna sua emissão mais provável. Além do sexo oral, a necessidade de usar preservativos e o ângulo de visão do corpo da parceira também são considerados por Jon fatores que diminuem o valor reforçador da relação sexual.

Outra situação aversiva para Jon envolvida no sexo real é o comportamento da parceira de passar a noite, dormir ao seu lado na cama. Jon não costuma emitir comportamentos classificados culturalmente como “carinho” nesses momentos. Além disso, ele se refere ao sexo oral como um “grande favor” que a parceira faria a ele. Esses dois pontos podem ser indícios do que mais tarde, no desenrolar da trama, Esther categoriza como uma forma “unilateral” de se relacionar com essas mulheres. Jon não discrimina a disponibilidade de reforçadores que poderiam vir da convivência com elas como receber ou dar carinho e a experiência da relação mais como troca que como favor. De acordo com as cenas do filme, não parece ser reforçador para Jon emitir comportamentos que eliciem respostas de prazer em suas parceiras.

Quando, em uma das primeiras cenas do filme, Jon coloca “suas garotas” na lista de seus principais reforçadores, ele parece estar se referindo exclusivamente ao sexo com elas e não a outros elementos, mesmo que o sexo não seja tão reforçador quanto os vídeos. Diante disso, pode-se inferir que o acesso a reforçadores condicionados generalizados como ser considerado um conquistador, exerce maior controle sobre o comportamento de se envolver superficialmente com as mulheres que conhece em

festas. Neste momento, Jon dá indícios de que não discrimina a disponibilidade de reforçadores naturais em interações não relacionadas ao sexo com essas mulheres.

Em um momento do filme, Jon emite tatos sobre algumas desvantagens da pornografia. Além do custo relativamente alto de resposta para encontrar o “vídeo certo”, ele parece incomodado e intrigado com o fato de não ter a mesma sensação que tem ao se masturbar quando está numa relação sexual real. Pode-se dizer que Jon está emitindo uma resposta emocional cotidianamente chamada de “frustração”. Diante desta estimulação aversiva, ele emite o seguinte tato aparentemente puro: “O que estou fazendo de errado? Talvez seja hora de tentar algo novo (remetendo-se a um relacionamento)”. Neste momento, se o tato for mesmo puro e houver correspondência dizer-fazer, seria provável que Jon variasse seu comportamento, já que o atual padrão de jogo de conquista e distanciamento afetivo não tem dado acesso ao reforço “sexo tão bom quanto vídeos eróticos e masturbação”.

Depois de uma conversa com a personagem Esther, Jon acaba emitindo um comportamento autocontrolado em relação aos vídeos pornográficos. Ele liga o computador e logo em seguida desliga-o. Quase que imediatamente, ele volta para o computador, digita o endereço do site de vídeos. Novamente, ele desliga o computador. Esta situação ilustra o que Sidman (1989/2009) chama de “tentação”. Segundo o autor, isso acontece diante de um estímulo que dá acesso a reforçadores, mas que foi emparelhado com estimulação aversiva. No caso, a estimulação aversiva pode ter sido a possibilidade de ser taxado de “viciado em pornografia”, além das críticas que recebeu ao longo do filme. A própria resposta de digitar o endereço do site, gera comportamento de esquiva (Sidman, 1989/2009). O autor diz ainda que, com o tempo, é possível que o indivíduo deixe de se sentir tentado diante destes estímulos. Ao que parece, isso acabou

acontecendo com Jon. Os vídeos parecem ter perdido valor reforçador diante das novas interações estabelecidas.

2. A Relação de Jon com a Igreja

Pelo que foi ilustrado nas cenas do filme, Jon e sua família costumam frequentar as missas de uma Igreja Católica. Jon sempre se confessa e paga as penitências impostas pelo padre. Ele descreve, inclusive, “minha igreja” como uma das coisas com as quais se importa, sendo essas “coisas” interpretada neste trabalho como suas principais fontes de reforçadores.

O comportamento de frequentar as missas provavelmente é bastante reforçado pela família do personagem. Aparentemente, é algo importante para eles a presença de Jon nessas ocasiões e, inclusive, depois que os pais conhecem Bárbara e aprovam a relação, ela também passa a frequentar a missa com eles. Além disso, indo à missa, Jon encontra seus pais e irmã, com quem não mora mais. Após a cerimônia, sempre reúnem-se na casa dos pais e tem uma refeição juntos, cenário em que aparecem todos os diálogos entre eles no filme. A missa é ocasião para o encontro da família, o que pode também ter função reforçadora para Jon. O valor reforçador dos encontros familiares será discutido no próximo capítulo deste trabalho.

Não fica claro nas cenas se o sermão do padre ou outros elementos diretamente ligados à missa são reforçadores para Jon. Se não forem, pode-se pensar na hipótese de que o comportamento de frequentar a missa pode ser mais um exemplo de comportamento controlado principalmente por reforçadores condicionados generalizados e não está sob o controle de reforçadores naturais como as “graças divinas”.

Além de estar presente nas missas, Jon se confessa. A confissão são os supostos tatos que ele emite para o padre, numa situação de sigilo e de possível absolvição dos pecados. Ao final das confissões, o padre emite o seguinte intraverbal: “Através da igreja, que Deus lhe conceda perdão e paz. Eu o absolvo em nome do pai, do filho e do espírito santo. Amém”.

Além da promessa de perdão, a questão da confidencialidade nestas situações parece ser variável que torna mais provável o comportamento de relatar os pecados. Provavelmente, a condição de sigilo favorece o relato de Jon. Ele comporta-se de maneira discriminada diante do padre e diante de pessoas de seu convívio social, já que existem grandes chances de relatos sobre seus pecados serem punidos nas interações sociais comuns com exposição a estímulos aversivos condicionados (críticas, ser taxado de ridículo, infantil ou coisas do gênero). O fato dele nem mesmo ver o rosto do padre pode ser mais uma variável que contribui para que essa audiência não tenha função de sinalizar a possibilidade de haver punições comuns no convívio social.

Apesar disso, nem sempre Jon emite tatos puros diante do Padre. Há uma cena do filme em que ele próprio diz que não foi sincero na última confissão. O comportamento de manipular o tato que se refere ao comportamento de se masturbar e assistir vídeos pornográficos também ocorre diante de Barbara. Quando Barbara flagra Jon assistindo a um vídeo pornográfico, ela pune esse comportamento de diversas formas. Jon emite comportamento de fuga da estimulação aversiva e verbaliza que não irá mais assistir aos filmes pornográficos. Porém, seus comportamentos futuros apresentam baixa correspondência dizer-fazer em relação a essa promessa. Ele continua com os mesmos comportamentos, apenas na ausência dela. Dessa forma, pode-se dizer que a punição de Bárbara só exerceu controle sobre o comportamento verbal de Jon sobre os vídeos e não sobre o seu comportamento não verbal.

Analisando este contexto, pode-se levantar a hipótese de que a emissão de relatos de baixa correspondência verbal diante da namorada e do Padre decorrem de históricos de condicionamento comuns. O personagem provavelmente aprendeu que, diante destas duas audiências, relatos que mantenham correspondência dizer-fazer sobre o tema masturbação seriam punidos. Pelas cenas do filme, é possível notar que ambos categorizam estes comportamentos como inadequados. É comum nas interações sociais que relatos precisos sobre comportamentos tidos como inadequados sejam punidos presumindo efeitos sobre o comportamento relatado. O efeito desta contingência pode ser a emissão de relatos não correspondentes com função de esquiva, o que parece ser o caso nestas duas situações. Pode-se dizer que Jon reagiu de maneira funcionalmente semelhante diante desses dois estímulos diferentes, caracterizando o processo de generalização.

Nestas duas ocasiões, há ainda um outro ponto que vale ser discutido. Jon analisa alguns de seus próprios comportamentos como inadequados, mesmo que estes lhe garantam acesso a reforçadores de alta magnitude. Nenhum comportamento é por natureza “adequado” ou “inadequado” (Guilhardi, 2002a). Esta distinção é arbitrária e fruto de uma história de aprendizagem em nível cultural. Isso quer dizer que o personagem provavelmente passou por histórico de punição contingente ao comportamento de masturbação e de assistir a vídeos eróticos.

Além disso, sabe-se que o conceito de “inadequado” está relacionado a regras emitidas por um agente controlador e a aplicação de consequências aversivas contingentes ao comportamento em si ou ao relato sobre ele (Guilhardi, 2002a). No caso da Igreja, Jon provavelmente teve acesso a um conjunto de regras sobre sexo ligado a consequências punitivas. Diante disso, aprendeu que masturbação seria um pecado, ou seja, um comportamento condenável que não deve ser emitido. Esta categorização acaba

tendo função de regra e é uma forma de controle coercitivo sobre os fiéis. A estratégia de controle da comunidade religiosa tem sido eficaz sobre o comportamento verbal de Jon, já que as regras dessa comunidade verbal, de fato, parecem exercer controle sobre seus relatos.

Outro comportamento confessado por Jon como inadequado foi o de ter se envolvido em uma briga de trânsito, pouco tempo depois de ter terminado o namoro com Barbara. Nesta ocasião ele diz que não entende o que aconteceu. Este é um indício de sua falta de treino em identificar e descrever verbalmente variáveis ambientais de controle sobre seu comportamento, caracterizando falta de autoconhecimento.

Confessar que emitiu, durante toda a semana, comportamentos pecaminosos está em alta frequência, logo, está sendo reforçado de algum modo. Para discutir esta questão, são necessárias algumas considerações. O comportamento de assistir vídeos pornográficos e se masturbar pode ter função de estímulo para outros comportamentos de Jon como, no caso, a confissão (Medeiros & Rocha, 2004). Os comportamentos pecaminosos, em sua função de estímulos, podem adquirir função aversiva condicionada em decorrência de um histórico de emparelhamento com punições. Diante destas contingências, costuma-se dizer, em termos cotidianos, que o indivíduo sente-se culpado. Em situações desse tipo, é comum que o próprio comportamento passível de punição gere respostas de esquiva (Sidman, 1989/2009). Ao confessar o pecado e cumprir a penitência, o que provavelmente ocorre é que a função condicionada aversiva do próprio comportamento é atenuada. Outra consequência reforçadora negativa destes comportamentos é a suposta absolvição dos pecados sinalizada pela fala intraverbal do Padre anteriormente mencionada.

A forma como Jon paga a penitência administrada pelo padre é atípica. Recordando novamente a lista que ele dá de suas principais fontes de reforçadores em

uma das primeiras cenas do filme, ele menciona “meu corpo”. Nota-se que cuidar da aparência de seu corpo indo à academia dá acesso a consequências reforçadoras como o próprio prazer da atividade física e, provavelmente, também a reforçadores condicionados generalizados. Quando Jon paga sua penitência ao mesmo tempo em que faz exercícios, ele está emitindo duas respostas muito diferentes e que teriam funções opostas, punitiva e reforçadora, respectivamente. Pelo que se pode entender diante das cenas, a penitência acaba não tendo valor aversivo quando concorre com o alto valor reforçador da atividade física. Assim, não é estabelecida uma consequência aversiva para o relato do pecado. Isso permite visualizar que, até o momento em que Bárbara flagra Jon assistindo aos vídeos, nenhuma consequência punitiva havia sido contingente as respostas de assistir aos vídeos e de masturbação durante as cenas do filme.

A forma com que Jon paga suas penitências pode ser mais um indício de que o comportamento religioso de Jon está sob o controle de reforçadores condicionados generalizados. Outro indício disso seria o fato de que o personagem não parece entrar em contato com respostas emocionais aversivas privadas nomeadas pela comunidade verbal de “arrependimento”. O personagem também não se comporta publicamente de maneira que fosse ocasião para que dissessem que ele se arrependeu de seus pecados, como, por exemplo cumprir a promessa feita à namorada de não assistir vídeos pornográficos.

Assim, é possível perceber que Jon não se comporta sob o controle de contingências que favoreceriam mudança comportamental. O personagem se confessa e relata que “pecou”, porém não deixa de emitir esses comportamentos. A punição administrada pela agência controladora religiosa e suas regras de conduta não parecem exercer controle sobre comportamentos que seriam considerados por esta comunidade como típicos de “uma pessoa melhor”. No repertório de Jon, não há aumento da

frequência de comportamentos tidos como adequados e nem supressão dos comportamentos inadequados pela igreja e por Bárbara. Diante disso, pode-se afirmar que o controle aversivo tem tido efeitos apenas sobre o comportamento verbal do personagem. Provavelmente, os relatos não-correspondentes são emitidos como resposta de contracontrole.

Na última cena do filme em que é mostrada a relação de Jon com a Igreja, ele também está se confessando. Mas, desta vez, todo o contexto é diferente. A estória está no momento em que Jon teve uma relação sexual com Esther que ele descreve como “diferente”, referindo-se aos reforçadores com os quais entrou em contato. Neste momento do filme, ele já está mudando de maneira geral sua relação com sua própria sexualidade. O personagem, neste momento, já está também variando seu comportamento e expondo-se a novas contingências. Quando ele diz ao padre que não assistiu a nenhum vídeo pornográfico e que teve uma relação sexual casual, mas que foi “diferente”, o padre acaba lhe passando a mesma penitência de antes. Neste caso, um relato de topografia inédita não produziu alterações na topografia da punição. A reação de Jon foi de questionar o padre. Pode-se dizer que, aparentemente, essa situação gerou respostas emocionais aversivas nomeadas cotidianamente como “sentimento de injustiça”. Segundo Gulhardi (2002b, p. 7), “o fato de a comunidade consequenciar aversivamente um comportamento que o indivíduo não concorda que seja ‘inadequado’ faz com que ele avalie a reação do agente da comunidade como ‘injusta’”.

Apesar da relação sexual com Esther ter permitido acesso a reforçadores descritos por Jon como “diferentes”, este não foi considerado pelo padre um comportamento adequado. Pode-se levantar a hipótese de que a diferença a que Jon se refere também está relacionada às variáveis de controle deste comportamento, que foram distintas das que controlavam o comportamento de ter relação sexual com as

outras mulheres. Aparentemente, ele ainda não aprendeu a descrever verbalmente quais variáveis são essas, ou seja, ainda não emite respostas de autoconhecimento, mas discrimina que algo mudou. Ao comportar-se sob o controle desses novos estímulos, Jon não avaliou que emitiu um comportamento inadequado e não se sentiu culpado. Este pode ser considerado um momento em que as autorregras formuladas por Jon foram incompatíveis com as regras pregadas pela comunidade da Igreja. Estas autorregras podem ser entendidas como novas descrições que foram formuladas diante das novas contingências as quais o personagem foi exposto. Isso quer dizer que o personagem formulou novas autorregras a partir do contato com as contingências em vigor, sem que as regras da agência religiosa interferissem. Pode-se dizer que houve sensibilidade às contingências vivenciadas, o que não aparecia em suas relações com o ambiente no início do filme.

É possível também que, mesmo diante da confissão de topografia inédita, o padre não tenha discriminado a mudança no relato de Jon. Em linguagem cotidiana, pode-se dizer que o padre não estava prestando atenção ao que os fiéis lhe confessavam. Desse modo, a penitência pode ter sido emitida apenas sob o controle da confissão, ou seja, do relato independente de sua topografia. A punição não teria sido contingente ao conteúdo da fala. Se esse for o caso, o padre estaria passando penitências sob o controle intraverbal, ou seja, apenas sob o controle do estímulo também verbal “confissão”, de maneira indiscriminada.

3. Fontes de Reforço Social: Amigos e Família

Na fala de Jon sobre suas principais fontes de reforçadores, este cita família e amigos. É possível notar, no decorrer do filme, que nestes contextos, Jon comporta-se de maneira diferenciada e seu comportamento está especialmente sensível aos

reforçadores condicionados generalizados a que tem acesso nestas relações. Não há cenas do filme que mostrem interações passadas de Jon com estas pessoas, que seriam elementos relevantes para uma análise mais completa de seu repertório. Apesar disso, há muitas cenas que mostram contingências atuais mantenedoras do padrão, algumas que favoreceram a variabilidade comportamental e algumas que permitem formulação de hipóteses sobre história de aquisição. A partir destas informações, foram feitas as análises a seguir.

Na primeira cena do filme em que os amigos de Jon aparecem, eles encontram-se numa boate. Aparentemente, é um ambiente que costumam frequentar. Pode-se dizer que, provavelmente por influência de regras, modelos e por exposição a contingências em vigor, eles aprenderam a agir neste contexto de uma forma que resulta em acesso a reforçadores. O personagem principal é apelidado pelos amigos de “Don Jon”. Este apelido refere-se justamente a facilidade de Jon de acessar os reforçadores disponíveis neste ambiente que são, de maneira geral, as mulheres. Na cena, assim que Jon chega e cumprimenta os amigos, o assunto que logo surge é a escolha de qual das mulheres da boate eles se aproximarão. O critério de escolha é uma nota que eles atribuem a aparência física da mulher.

No diálogo entre os três amigos, nota-se que o relato dos outros dois amigos influencia a decisão de cada um em aproximar-se ou não de uma mulher. Este fato pode ser considerado um indício de que, não apenas Jon, mas também seus amigos se comportam sob o controle de reforçadores condicionados generalizados como admiração e elogios. Jon aparenta ser o mais criterioso em suas avaliações. Por aproximar-se sempre de mulheres com nota acima de oito e conseguir levá-las para casa, ele ganha elogios dos amigos e é visto como um conquistador. Aparentemente, este reconhecimento gera respostas emocionais também reforçadoras, operantes e

respondentes, como o que é cotidianamente chamado de “orgulho” de si mesmo. Diante do acesso a estes reforçadores, ele continua sempre escolhendo mulheres consideradas acima da média no quesito aparência física.

Um dos amigos de Jon, Danny, parece ter seu comportamento menos sensível a este tipo reforçamento. Um indício disso é o fato de que mulheres as quais os amigos atribuem notas baixas, não perdem valor reforçador para seu comportamento. Em uma das cenas que os amigos estão na boate, ele diz “Posso gostar da garota que eu quiser”. Diante de suas escolhas, ele acaba sendo criticado, principalmente por Jon. Mesmo assim, ele diz o que acha e exerce contracontrole argumentando em seu favor, muitas vezes de maneira cotidianamente nomeada de “agressiva”. Porém, há também a possibilidade de que este amigo, ao contrário de Jon, nunca tenha passado por histórico de reforçamento ao tentar aproximar-se de mulheres às quais eles atribuem as maiores notas. Em uma cena, este amigo diz que as garotas de notas baixas têm a vantagem de ser “cabeça aberta”. Ao dizer isso, o personagem provavelmente está emitindo uma justificativa distorcida de seu comportamento (Medeiros, 2013). Assim, ele explica de maneira mais aceitável socialmente o fato de aproximar-se dessas garotas mesmo este comportamento não o dando acesso aos mesmos reforçadores condicionados generalizados aos quais Jon tem acesso.

Em uma das cenas na boate, enquanto os três amigos conversam, uma mulher se aproxima de Jon. Ele a cumprimenta e ela pergunta o motivo pelo qual ele não ligou para ela. Entende-se que eles já tiveram relações sexuais. A resposta de Jon foi: “Você é adulta. Achou que eu ia ligar?”. Esta verbalização de Jon provavelmente é bastante influenciada por regras acerca do comportamento de homens da sua idade diante de mulheres. Como já mencionado, Jon relaciona-se de maneira superficial com estas mulheres. Isso quer dizer que, seu comportamento não parece estar sensível a

reforçadores advindos da companhia delas, do que elas tenham a dizer, além de também não falar sobre si mesmo. Portanto, a resposta de telefonar para uma destas mulheres tem, de fato, baixa probabilidade de ocorrência. Para ele, a aproximação destas mulheres tem como principais variáveis de controle os reforçadores condicionados generalizados e o reforço primário obtido na relação sexual.

No mesmo diálogo, esta mulher diz para Jon: “Você é patético. Toda semana tem uma garota nova”. Apesar do termo pejorativo usado, Jon não parece sentir-se ofendido por esta verbalização. Aparentemente, as respostas emocionais geradas por esta acusação são semelhantes às geradas pelos elogios e admiração dos amigos. O comportamento de ter relações caracterizados como superficiais e pouco duradouras (i.e., relações de apenas uma noite) é reforçado pelo grupo masculino com que Jon convive. Diante disso, a desaprovação e crítica da mulher acaba não tendo função aversiva, e sim, reforçadora. Isso porque, ela emite tais críticas diante de um comportamento aprovado pelos amigos de Jon. Em outras palavras, a crítica acaba soando para Jon como um elogio. Assim, ele acaba respondendo de maneira irônica e pouco sensível a reivindicação da mulher: “Por que não vem para casa comigo?”. Fica claro nesta cena a ilustração das diferentes formas que homens e mulheres são ensinados a responder em situações de envolvimento amoroso ou sexual.

Outra situação que permite análises do controle exercido pelas pessoas sobre o seu comportamento foi a do momento em que Jon sai para jantar com seus amigos e as amigas dela. Essa foi umas das condições impostas por ela para que eles tivessem relações sexuais. Diante das declarações de afeto de Jon à Barbara, os amigos dele parecem atentar-se ao seu comportamento atípico. As amigas de Barbara a fazem perguntas relacionadas ao tempo de namoro deles, da condição financeira de Jon, sobre o que fazem juntos e, diante de todas as respostas da amiga, não parecem aprovar o

namoro. No entanto, quando Barbara diz que eles ainda não tiveram relação sexual, elas mudam de ideia rapidamente. Elas a elogiam e dão sua aprovação ao namoro. Fica claro nesta cena o quanto entre as mulheres o relato de manter um namoro por um mês sem relações sexuais é reforçado. Este padrão é influenciado por regras culturais sobre o papel da mulher em um relacionamento e sobre o que os homens geralmente buscam. Pode-se dizer também que o comportamento de Barbara e de suas amigas está sob o controle de uma regra do tipo “O valor de um homem e o valor que ele dá a uma mulher se medem pelo quanto ele abre mão do que gosta em prol dela”. Essa regra será mais profundamente discutida no capítulo sobre a relação de Jon com Barbara.

Durante o namoro com Barbara, Jon deixa de sair com os amigos. Eles criticam esse comportamento e Jon responde às críticas dizendo que “Sinto pena de você agora”. É possível ressaltar dois pontos nesta situação. Primeiro que, aparentemente, os reforçadores aos quais o personagem tem acesso por ser namorado de uma mulher nota dez, superam a função aversiva das críticas dos amigos. Assim, os comentários dos amigos acabam não exercendo controle sobre o comportamento de manter o relacionamento.

O segundo ponto a ser analisado é a forma que Jon esquiva-se da crítica, emitindo um comportamento nomeado em linguagem técnica de resposta de racionalização (Medeiros, 2013). Jon emite as seguintes justificativas para seu comportamento de manter o namoro:

“Quando se ama, muita coisa entra em jogo [...] Nenhuma é tão bonita quanto ela e nem transa tão bem quanto ela [...] Ela me deixa fazer o que eu quero. É o que estou tentando dizer. Seja um homem, faça a coisa certa, ache a mulher certa e trate-a corretamente. Veja o que acontece: melhor sexo da sua vida”.

Pode-se dizer, neste caso, que se tratam de respostas de racionalização e não uma justificativa distorcida pelo fato de que Jon não parece discriminar as variáveis que controlam o seu comportamento de namorar com Barbara. O sexo com ela pode, de fato, ter influência mas, ao que parece pelas cenas, os reforçadores condicionados generalizados contingentes ao namoro assumem maior controle. Jon não parece discriminar estas variáveis sociais, descrevendo apenas o valor reforçador do sexo com Barbara. Além disso, esta resposta de racionalização, especialmente as duas últimas frases transcritas da fala do personagem, parecem exercer função de regra para seu comportamento. Esta regra foi imposta de maneira implícita por Barbara.

Provavelmente, quando Jon entrou em contato com a contingência de ceder aos pedidos de Barbara e dizer o que ela queria ouvir resultando em relação sexual com ela, esta regra mostrou-se confiável e passou a exercer função de autorregra (Jonas, 1997). Este tópico será mais discutido adiante no capítulo sobre a relação de Jon e Barbara.

Quando o namoro de Jon termina, ele volta a sair com os amigos. Quando alguém lhe pergunta por Barbara, ele emite o seguinte intraverbal: “A vadia que se dane”. Esta resposta tem função de esquivar do assunto e não contar o que realmente aconteceu. Os amigos ficam satisfeitos com a resposta e dão sinais de aprovação à nova fase de solteiro. Jon volta a ter acesso aos mesmos reforçadores que tinha antes do namoro: olha para uma mulher na boate e ela olha de volta, dança com ela, beija e consegue levá-la para sua casa, mesmo diante das investidas do amigo para a mesma mulher.

Ao saber que Jon envolveu-se em uma briga no trânsito, um de seus amigos vai até a sua casa e diz que se preocupa com ele. O amigo o questiona sobre os verdadeiros motivos do término. Diante da insistência, Jon acaba contando apenas que Barbara o pegou assistindo vídeos pornográficos. É possível afirmar que o fato do amigo se dispor

a ouvi-lo não foi suficiente para que Jon contasse inteiramente a verdade. Ele omite a frequência em que assiste aos vídeos. Pode-se levantar a hipótese de que isso aconteceu pelo fato de que este amigo, na história de vida de Jon não exerceu papel de audiência não punitiva. Outra possibilidade é a de que tenha ocorrido generalização da função aversiva condicionada de outros ouvintes para o amigo enquanto estímulo. Uma terceira hipótese sobre o controle deste comportamento é a de que Jon nunca tenha se exposto a contingência de contar “um segredo” a um amigo. Sendo assim, nunca teria tido acesso a reforçadores contingentes a este comportamento. Nesta conversa, o amigo emite para Jon um conselho, ou seja, uma regra. Diz que ele devia concluir o curso que começou por exigência da ex-namorada. Jon volta a frequentar as aulas, mas desta vez este comportamento está sob o controle de outras variáveis como, por exemplo, receber o diploma.

Há muitas cenas do filme em que são mostradas interações de Jon com seus familiares. Considerando que a família representa uma agência controladora de comportamentos de seus membros, estas cenas apresentam alguns pontos relevantes para a compreensão de comportamentos de Jon. Na primeira cena em que o personagem aparece com seus familiares, estão assistindo a uma missa e logo em seguida a cena em que almoçam juntos na casa dos pais. Esse parece ser um hábito semanal da família. Pelas cenas, não é possível afirmar se a contingência que mantém o comportamento de Jon de participar destas reuniões é de reforçamento positivo ou negativo. Não há informação suficiente para garantir que os momentos com os familiares têm elementos reforçadores para ele ou se, caso não estivesse lá, haveria estimulação aversiva (i.e., cobranças ou críticas).

A relação de Jon com o pai chama atenção nesta cena. A forma como ambos se expressam é bastante semelhante. Pai e filho usam palavrões apesar da reclamação da

mãe. Ao discutirem, argumentam de maneira comumente caracterizada como “agressiva”, falando alto, mandando “calar a boca”. Ambos dizem que o que o outro diz é “besteira”. Esta mesma forma de se colocar está presente no repertório de Jon em outras situações como quando está no trânsito e em algumas conversas com Esther. Na discussão entre pai e filho, o pai parece não ouvir o argumento do filho, mesmo que este não seja colocado de maneira assertiva. Nota-se que o comportamento do pai tem função de modelo para o comportamento de Jon (Moreira & Medeiros, 2007). No filme, esse detalhe é também evidenciado pelas roupas muito parecidas que os dois vestem em várias cenas. Os dois personagens também têm o mesmo nome.

Na primeira cena em que almoçam juntos, a mãe de Jon emite o seguinte mando disfarçado de tato: “Um dia vou me sentar aqui, começar a comer e você dirá: Mamãe, eu a encontrei”. Esta verbalização aparentemente tem função de mando, já que o estímulo reforçador contingente a ela seria Jon falar de alguma mulher importante em sua vida ou qualquer outra resposta que sinalizasse possibilidade de ele apresentar uma namorada à família. Para Jon, esta verbalização parece ter gerado respostas emocionais aversivas. Isto pode ser inferido pelos gestos e sons emitidos pelo personagem. Neste momento, mais uma vez, o filme remete a diferença de conduta entre os gêneros diante de relacionamentos amorosos, bem como a influência de regras da agência controladora religiosa sobre a definição de quais comportamentos são reforçados pela agência familiar.

Quando Jon conta para a família que está saindo com uma mulher, a mãe reforça seu relato com interesse, comemoração e pergunta a Jon se ele a ama. Diante dessa pergunta, o pai de Jon diz que “Eles são crianças!”. Jon imediatamente rebate: “Não me chame de criança. Eu não gosto”. O pai repete o que disse e uma discussão é iniciada. Neste momento fica claro o quanto é aversivo para Jon que alguém o considere imaturo

e infantil. A mãe interfere na discussão e defende Jon, o que provavelmente teve função reforçadora para o comportamento do filho. Quando o pai faz a mesma pergunta, Jon diz, pela primeira vez no filme, que ama Barbara. Esta afirmação provavelmente estava sob o controle dos reforços da mãe diante do assunto e teve função de fuga de novos comentários do pai aversivos para ele. Ao dizer que ama a namorada, ele também teve seu comportamento reforçado pelo abraço da mãe e pelo interesse do pai em conhecê-la.

Sendo assim, é possível afirmar que não necessariamente houve correspondência entre o que ele sente e o que relata sentir, pois variáveis sociais estavam envolvidas. Pelas cenas do filme, é possível perceber o quanto é reforçador para Jon a aprovação e reconhecimento do pai, tornando ainda mais provável naquela situação a emissão de uma resposta verbal cuja topografia desse acesso a esse reforçador, mesmo que tivesse baixa correspondência com o antecedente não-verbal (Chamati & Pergher, 2009).

Outra cena que deixa claro o quanto a aprovação do pai é reforçadora para Jon, é do dia em que ele apresenta Barbara para a família. Ao ver a namorada do filho, o pai fica visivelmente impressionado e diz: “Deus! Eu não esperava uma mulher tão bonita”. Ele diz a Jon: “Não disse que ia trazer uma gostosa dessas [...] Minha nossa, aqueles peitos são de verdade?”, além de olhar muito para ela, tocar em sua cintura e despedir-se beijando rapidamente sua boca. Aparentemente, todas essas reações do pai tiveram função reforçadoras para os comportamentos de Jon de levá-la a sua casa e de estar em um relacionamento com ela. Ao ver o comportamento do pai diante de Barbara, Jon sorri. Pode-se dizer que os comentários do pai tiveram maior valor reforçador que os emitidos pelos amigos, tendo assim maior potencial controlador sobre seu comportamento. A reação da mãe de Jon à visita da moça foi do que se chama cotidianamente de “felicidade” e de elogiar. Provavelmente, estas reações também tiveram função reforçadora para o comportamento do filho. Assim, após apresentar

Barbara para sua família, o comportamento de manter o relacionamento com ela tornou-se ainda mais provável por influência de variáveis externas ao próprio namoro, ou seja, reforços condicionados generalizados.

Durante o jantar com a namorada e a família, seus pais contavam a história de quando se conheceram. Eles parecem relatar a história emitindo intraverbais. É provável que esta história já tenha sido contada a Jon diversas vezes, talvez até com as mesmas palavras. A história dos pais pode ter servido de modelo para o comportamento de Jon quando teve de conquistar Barbara. Os pais de Jon também se conheceram em uma festa e o pai conta que no momento em que viu a esposa, pensou “Ela é minha”. O fato de Jon ter emitido comportamentos incomuns em seu repertório para aproximar-se da garota “mais que 10”, pode ter tido influência de uma verbalização como esta do pai, que, assim, teria exercido função de autorregra (Jonas, 1997).

Quando Jon não namora mais com Barbara, a mãe passa a perguntar por ela. Para a família, ele diz que Barbara tinha compromisso e que não estava disponível. Esta verbalização é uma justificativa distorcida sobre a ausência da antiga namorada (Medeiros, 2013). Exerce função de esquiva quando evita ter de contar para a família a verdade sobre o fim do namoro e perder o acesso a todos os reforçadores que tinha por estar em um relacionamento amoroso estável. O pai de Jon emite a seguinte regra: “Uma garota como aquela pode transformar um garoto em um homem. Eu vejo isso em você. Está começando”. Provavelmente, esta verbalização do pai teria grande valor reforçador para Jon, já que mostra um grande reconhecimento do pai de sua maturidade. Apesar disso, como o pai atribui a suposta maturidade ao fato de estar em um relacionamento que na verdade não existe mais, Jon não parece ter entrado em contato com respostas emocionais reforçadoras como “orgulho” ou “felicidade”. A forma como Jon acaba relatando o fim do namoro será analisada no último capítulo de análises.

4. “A coisa mais linda que já vi na minha vida”

As cenas que mostram a relação de Jon com Barbara oferecem muitos elementos passíveis de análise. O envolvimento entre estes personagens é mostrado desde a primeira vez que ele a vê, até uma conversa que eles têm após o término do namoro. Serão analisados principalmente os comportamentos de Jon e alguns comportamentos da personagem Barbara.

Jon vê Barbara pela primeira vez em uma boate em que ele estava com os amigos. A reação de Jon ao vê-la no balcão do bar foi dizer “Cacete! É dez!”. Durante o filme, a única mulher a quem Jon atribui nota dez é ela. Ele se aproxima dela assim como faz com todas as outras garotas as quais conhece neste contexto, emitindo comportamentos em cadeia³ (olhar, dançar, beijar, levar para casa). Porém, ela interrompe a cadeia comportamental de Jon quando ele a beija. Neste momento, ela começa a pedi-lo para parar e acaba indo embora. Nesta cena, notam-se respostas emocionais operantes e respondentes como efeitos do procedimento de extinção. Diante da suspensão do reforçamento, Jon xinga, pede para que ela fique e aparenta sentir o que chama-se cotidianamente de “frustração”. As respostas intermediárias de uma cadeia comportamental só são reforçadas por criar condições para a resposta seguinte e pela consequência a que a última resposta encadeada dá acesso (sexo e reforço condicionado generalizado, no caso). Desse modo, nenhuma das respostas da cadeia foram reforçadas, sendo todas submetidas ao processo de extinção. Apesar disso, Jon volta para a festa, emite os mesmos comportamentos em cadeia e consegue levar outra mulher para casa.

³ “Sequência de respostas cujo elo final é o evento reforçador” (Moreira & Medeiros, 2007).

Em uma conversa com os amigos, Jon diz: “Quero achar aquela garota”. A contingência de extinção com a qual Jon entrou em contato ao aproximar-se de Barbara, é uma situação incomum para ele. Aproximar-se de uma garota nota dez também acaba sendo algo incomum, já que ele dificilmente atribui essa nota. O comportamento de dispor-se a encontrá-la novamente, mesmo que isso implique emissão de respostas de maior custo, provavelmente está sob controle dos reforçadores condicionados generalizados aos quais costuma ter acesso quando sai com uma garota considerada muito bonita pelo grupo masculino.

Quando Jon encontra uma forma de entrar em contato com a mulher nota dez, seu amigo emite regras como “Você tem que falar alguma coisa. É o tipo de garota requisitada” e “Talvez até tenha que levá-la para tomar café. É coisa de longo prazo, cara. Não vai ganhar Barbara Sugarman tão cedo”. Diante disso, Jon diz “Você está totalmente certo”. O amigo comenta: “O poderoso Don encarando a longo prazo? Ela é dez, mas...” e Jon logo responde “Ela é mais que dez”. Aparentemente, essa verbalização é uma racionalização do motivo pelo qual ele está dispondo-se a variar seu comportamento. Para Jon, o valor reforçador de sair com Barbara é alto. Pode ser que isso ocorra em decorrência do estabelecimento de uma contingência semelhante com o que se costuma chamar de “desafio”. Barbara se destacou diante das outras mulheres por reagir de maneira diferente aos comportamentos encadeados de Jon. Ela não se deixou seduzir, o que colocou em cheque a sua fama de conquistador. Além disso, as próprias descrições do amigo sobre ela ser uma garota que nem todos os homens conseguem ter podem ter adquirido função controladora. Diante disso, Jon pode ter se sentido “desafiado” a conquistá-la. Este comportamento o daria acesso a muitos reforçadores condicionados generalizados e estaria mantendo a correspondência entre a descrição de conquistador que os amigos fazem dele, título do qual o personagem

parece se orgulhar. Aparentemente, o personagem não se comporta neste momento com autoconhecimento, ou seja, não é capaz de descrever as variáveis de controle de seu comportamento.

Outra análise possível é a de que, ao emitir respostas de alto custo diante da dificuldade de entrar em contato com Barbara novamente, Jon estaria emitindo uma resposta controladora sobre a resposta controlada de simplesmente “partir para outra”. A resposta controladora daria acesso a reforço condicionado generalizado de maior magnitude. Barbara passou a impressão de ser criteriosa na escolha de seus parceiros sexuais e é considerada mais bonita que a maioria das outras mulheres a quem Jon teria acesso. Portanto, ser visto com ela e até relatar relações sexuais com ela, seria digno de mais admiração dos amigos, mais elogios e fortaleceria sua imagem de conquistador de maneira mais eficiente do que se ele continuasse levando as outras mulheres para casa.

Pelas cenas do filme, Jon deixou de emitir os habituais comportamentos de conquista diante de outras mulheres após conhecer Barbara. Desde então, relaciona-se apenas com ela. É possível que regras culturais acerca da fidelidade tenham função controladora sobre este comportamento. O comportamento de ser fiel é provavelmente valorizado pela família e grupo religioso de que Jon faz parte. Existem diversas formas desse tipo de comportamento ser ensinado e mantido. Como o filme não inclui cenas do passado do personagem, não é possível descrever como esse comportamento foi adquirido.

No almoço com Barbara, situação incomum para Jon, ela logo faz perguntas que o levam a descrever as respostas de relativo alto custo que emitiu para ter acesso a informações sobre ela. Neste diálogo, ela diz “Não minta para mim. Você não me conhece. Vou deixar barato desta vez. Mas, confie em mim, no futuro você será bem mais feliz se sempre me disser a verdade. [...] Não acha que eu poderia te fazer feliz se

eu quisesse?”. Neste momento, Barbara emite uma regra incompleta sobre como poderia fazê-lo feliz se ele sempre dissesse a verdade. Ela sinaliza ainda que as consequências diante de respostas verbais precisas seriam de alto valor reforçador. Porém, o que é reforçador para ela, pode não o ser para ele. Jon poderia seguir esta regra sob o controle da possibilidade de acesso a uma relação sexual perfeita, ou seja, mais próxima das que ele fantasia ao assistir aos vídeos pornográficos. Enquanto isso, ela poderia estar referindo-se a reforçadores ligados ao que é chamado cotidianamente de um namoro. Nesse caso, o seguimento desta regra não teria como consequência um estímulo reforçador para Jon, e sim para ela.

No decorrer da conversa, quando Jon finalmente diz a verdade sobre ter perguntado sobre ela, Barbara diz: “Interessante”. Diante disso, pode-se dizer que para ela é reforçador saber que Jon emitiu respostas de alto custo “por ela”. Nas cenas seguintes, fica claro o quanto ela valoriza este tipo de comportamento.

Barbara pergunta também o motivo pelo qual Jon perguntou sobre ela. Ele emite uma justificativa distorcida ao dizer que queria almoçar com ela. A moça, por sua vez, não reforça a distorção de fato de Jon. Ela pune seu comportamento emitindo novamente a regra “Não minta”. Jon emite então um fato puro: “Perguntei sobre você porque queria transar com você, satisfeita?”. Barbara reforça o relato sorrindo e dizendo que ao menos ele disse a verdade. Quando ele pergunta a ela por que aceitou o convite, ela diz que ele terá de esperar para saber. Assim, ela coloca em extinção o mando emitido por Jon, deixando-o privado de informações sobre o que ela realmente quer.

Esta cena ilustra a forma como a relação entre eles se dá durante toda a história. Os comportamentos de Barbara exercem controle sobre o comportamento de Jon, enquanto o contrário não acontece. Pode-se dizer que ela assume papel de agente controlador e ele de controlado. Por ser uma mulher nota dez e ainda tornar

indisponíveis reforçadores aos quais Jon tinha fácil acesso diante de outras mulheres, os reforçadores disponibilizados por Bárbara exerciam grande poder de controle sobre o comportamento de Jon. Os reforçadores providos por Jon parecem ter menor poder de controle sobre os comportamentos dela, o que o coloca em posição hierárquica inferior.

Durante toda a conversa Jon disponibiliza reforçadores aos comportamentos de Barbara, demonstrando interesse e ainda emite o seguinte tato “Você é a coisa mais linda que eu já vi na minha vida”. Barbara sorri sutilmente e sugere a ida ao cinema. Esta verbalização de Jon acaba adquirindo função intraverbal no decorrer do filme.

Na escolha do filme que assistirão, Jon aceita a escolha da moça por um filme romântico. Pode-se dizer que, neste momento, ela começa a dar sinais de que tipo de relação é reforçadora para ela. Não por acaso, a relação entre homem e mulher idealizada por ela é quase que oposta a relação ideal para Jon. Diversas regras sociais podem estar exercendo controle sobre estas respostas tão distintas entre os gêneros.

Jon relata para a audiência do filme que, assim que pôde ver mulheres “gostosas” nos filmes pornográficos, os outros filmes não tinham mais valor reforçador. Ele emite a seguinte verbalização:

Deve ter algo que não entendo. Por que a maioria acredita nessa baboseira toda. A mulher bonita, o homem bonito. Amor à primeira vista. O primeiro beijo. A separação, a reconciliação. O casamento caro. E eles partem em direção ao pôr-do-sol. Todo mundo sabe que é falso, mas assistem como se fosse a vida real.

Aparentemente para Jon, as cenas do filme que assistiram não mostram contingências reais às quais os comportamentos das pessoas são submetidos. Histórias desse tipo chegam a ser aversivas para ele. O que provavelmente acontece é que Jon nunca vivenciou uma relação que poderia ser descrita como baseada no amor romântico

ilustrado no filme que assistiu com Bárbara. Em suas relações, ele não parece ficar sob controle de variáveis emocionais ou expectativas de suas parceiras. O envolvimento que tem com as mulheres costuma ser descrito culturalmente como superficial e egoísta. Assim, é possível entender que os filmes que Barbara gosta não são compatíveis com nada que Jon já tenha vivido.

Vale salientar que, apesar de discriminar a baixa compatibilidade das cenas destes filmes com a vida real, ele não discrimina a mesma incompatibilidade no que se refere aos filmes pornográficos aos quais assiste e relações sexuais reais. Ele os tem como modelo confiável de relação sexual ideal.

Barbara sai da sala de cinema emitindo as seguintes verbalizações: “Ela era a coisa mais importante para ele. Ele largou tudo por ela. Era o destino. Adoro filmes assim. Ele é um homem de verdade. E ela é tão linda sempre”. Há também uma cena dentro do quarto da personagem em que são mostrados um *poster* do filme “Titanic” na parede, imagens de crianças se beijando carinhosamente e cisnes formando um coração. Aparentemente, ela tem as relações mostradas nas cenas destes filmes como modelo de relação ideal entre um casal e tem seu comportamento fortemente influenciado por elas. Para ela, um namoro deve iniciar-se de uma forma romântica e repentina como o amor à primeira vista, deve ter brigas que serão resolvidas se o homem acabar abrindo mão de coisas supostamente menos reforçadoras para ele do que ela e haverá um final feliz envolvendo casamento.

Pode-se dizer que, assim como ter relação sexual com Barbara é ocasião para que Jon tenha acesso a reforçadores condicionados generalizados, ter um homem que satisfaça todas as suas vontades é ocasião para que Barbara tenha acesso a reforçadores condicionados generalizados. Pelo que se mostra nas cenas do filme, fazer com que um homem largue tudo e mude por ela dá acesso a reconhecimento, elogios e até, inveja.

Tendo isso em vista, apesar dos comportamentos dos personagens terem topografias diferentes, mostram-se funcionalmente iguais. Ambos se comportam sob o controle de reforçadores sociais advindos da relação amorosa e não sob controle de reforçadores naturais.

Para deixar isso ainda mais claro, é possível identificar no relato de Barbara transcrito a regra: “um homem de verdade larga tudo pela mulher amada”. Esta regra parece controlar o comportamento de Barbara durante todo o filme, sendo antecedente relevante para seus esforços em transformar Jon num namorado perfeito.

Com o desenrolar da estória, Jon passa a questionar a razão pela qual eles não tem relação sexual. Barbara responde que:

Ainda não é hora. Sim, mal nos conhecemos. Não conheço seus amigos. Quero conhecer seus amigos. E você não conhece minhas amigas. Ou nossas famílias. Quero conhecer seus pais e irmã. Não quer conhecer meus irmãos e irmã? Eles querem te conhecer. (...) Você deveria voltar a estudar. Você ficaria tão sexy com um emprego de verdade.

Estas verbalizações podem ser consideradas como mandos disfarçados de tato (Skinner, 1957/1978). Um fator de grande relevância nesta cena foram os comportamentos não verbais que estavam sendo emitidos por Jon e Barbara no momento em que ela emitiu esse mando disfarçado. O casal estava emitindo respostas de estimulação física semelhantes às emitidas em relações sexuais. Sendo emitido nestas circunstâncias, o mando de Barbara adquiriu grandes chances de ser reforçado, mesmo sendo uma manipulação verbal. Isso porque Jon, ao enquanto ouvia a regra, tinha acesso direto a estimulação semelhante a que teria caso viesse a segui-la.

Estas regras exerceram forte controle sobre o comportamento de Jon, inclusive gerando respostas de altíssimo custo, como engajar-se em um curso noturno, e

totalmente incomuns no repertório de Jon, como apresentar uma mulher à família. É possível observar que, neste caso, Jon estaria emitindo comportamentos encadeados, sendo que a última resposta daria acesso ao reforçador “sexo com a namorada”. Além do reforço disponibilizado ao final da cadeia, enquanto emitia as respostas intermediárias, Jon foi tendo acesso a reforço de alta magnitude: os reforçadores condicionados generalizados como reconhecimento, elogios, status. Estas variáveis tiveram, como já discutido, especial peso no comportamento de apresentar a namorada a família.

Depois que Jon emite todas as respostas exigidas pela namorada como condição, eles finalmente têm relação sexual. Porém, apesar da privação sexual de Jon e do alto valor reforçador que esse evento adquiriu no decorrer da estória, ainda não foi tão reforçador quanto os vídeos pornográficos. Diante da operação estabelecida de privação que ainda vigora, ele faz o que costuma fazer: levanta-se da cama e vai assistir aos vídeos. A namorada acorda e acaba flagrando Jon assistindo aos vídeos. Sua reação é extremamente aversiva para ele. Ela olha com expressão de desaprovação, não deixa que ele se aproxime dela e diz “Meu Deus, essa é a coisa mais nojenta que eu já vi na minha vida. Isso é doentio”. Esta é a primeira vez nas cenas do filme que Jon acessa consequências aversivas contingentes ao comportamento de assistir aos vídeos pornográficos. Como punição positiva, houve críticas, ameaças de terminar o namoro e gritos e como punição negativa, houve o movimento da namorada de ir embora de sua casa.

Como comportamentos de fuga à estimulação aversiva, Jon emite tatos distorcidos como “Um amigo idiota me mandou de brincadeira”, e intraverbais como “Acha que sou o tipo de cara que assiste pornô? Fracassados assistem pornô. Caras que não transam. É burrice. Por que eu assistiria pornô enquanto posso transar de verdade?”.

Estes intraverbais são incompatíveis com os tatos aparentemente correspondentes que Jon emite para a audiência do filme durante toda a narrativa sobre as vantagens dos vídeos sobre o sexo real. Todas estas distorções têm como reforço o fato de que a namorada vai se acalmado. Ela reforça o intraverbal distorcido, diz que ele não parece ser “esse tipo de cara”. Ela pergunta se ele nunca mais assistirá aos vídeos e ele confirma que não vai. Diante da promessa, ela permite que ele se aproxime. Ele a diz pela primeira vez no filme que a ama e ela reage sorrindo e o beijando. Assim, Jon fugiu de maneira eficiente de toda a estimulação aversiva gerada pelo flagra da namorada.

Apesar da intensa estimulação aversiva, a reação de Barbara não foi suficiente para que Jon mantivesse correspondência dizer-fazer no que diz respeito aos vídeos. Apesar da promessa que fez, ele continuou assistindo. Ele emite o seguinte relato para a audiência do filme:

 Não é que eu não consiga parar. É só que não tenho por que parar. Minha namorada não gosta, então não precisa saber. Não é como se eu a estivesse traindo. Eu faço quando ela não está por perto. E fica tudo bem.

Este relato ilustra claramente um caso de *pliance*, conceito já definido neste trabalho (Hayes & cols., 1989). O comportamento de seguir uma regra, controlado principalmente pela consequência imposta pelo falante, provavelmente só ocorre nas ocasiões em que é possível que o emissor da regra possa verificar o seguimento da mesma. Nestes casos, a regra não exerce controle sobre a resposta em ocasiões e ambientes aos quais o emissor da regra não tenha acesso. Jon passa a assistir aos vídeos quando Barbara não está em sua casa, o que caracteriza resposta de contracontrole. Como ela passa muito tempo no apartamento de Jon, ele passa a assistir aos vídeos pelo celular quando está em qualquer outro lugar.

Depois que Jon apresenta Barbara para sua família e recebe muitos reforçadores condicionados generalizados, eles passam a fazer outras coisas juntos. Ela passa a acompanhá-lo na cerimônia religiosa e na academia. A namorada passa a emitir críticas quando Jon está dirigindo e sobre a forma que paga suas penitências, comportamentos categorizados culturalmente como típicos de uma namorada controladora. Até certo momento do filme, estas críticas não parecem ter grande valor aversivo para Jon. Aos poucos, ele parece discriminar cada vez mais esses comportamentos da namorada. Em uma cena em que estão em um restaurante, Barbara emite um mando disfarçado de tato: “Você vai ficar tão bem de terno”. Emite também regras: “Se o Armando consegue, você consegue. Ele trata as mulheres como lixo, mas... ganha uma fortuna. Ele tem uma ótima vida. Se ele consegue, você consegue”. Enquanto a namorada emite estas verbalizações, Jon imagina cenas dos vídeos pornográficos. Neste momento, o comportamento de imaginar ou fantasiar provavelmente tiveram função de fuga da estimulação aversiva emitida por Barbara, nomeada cotidianamente de “cobranças”. Não parece ser reforçador para Jon ter muito dinheiro tanto quanto é para ela. Esta cena mostra mais um exemplo de que as variáveis de controle do comportamento de Jon e Barbara são diferentes. Para Barbara, ter um namorado rico poderia ser mais uma ocasião para que tivesse acesso a reforçadores condicionados generalizados.

Em uma ocasião em que estão no supermercado, o casal tem uma pequena discussão. Jon diz a Barbara que vai buscar alguns panos que usa para a limpeza de seu apartamento. Uma das fontes de reforço descritas pelo personagem no início do filme é seu “apê”. Em várias cenas durante o filme Jon é visto arrumando a cama, limpando espelho e louças. Nota-se que é reforçador seus objetos estarem limpos e arrumados. Este comportamento pode, inclusive, estar relacionado com o quanto é aversivo para ele ser considerado alguém imaturo que não se cuida sozinho. Possivelmente, ele emite

estas respostas de muito zelo por suas coisas e assim evita comentários críticos. Esses comportamentos também podem dar-lhe acesso a respostas emocionais reforçadoras como “orgulho” e sensação de “ser capaz de cuidar de si mesmo”. De modo geral, isso faz parte da vida do personagem.

Apesar disso, Barbara não parece discriminar a função deste comportamento no repertório do namorado. Ela imediatamente o critica quando ele fala sobre como gosta de limpar sua casa. Ela diz: “Não vai comprar um esfregão agora. É constrangedor [...] Você não deveria estar limpando a sua própria casa. É um cara adulto”. Diante desta fala, pode-se levantar a hipótese de que eles tenham seus comportamentos controlados por regras distintas no que diz respeito ao que é ser adulto, ou coisas que um adulto faz.

Nesta cena, pela primeira vez no filme, Jon argumenta firmemente com a namorada, defendendo o que é reforçador para ele e não para ela. Ele diz “Eu gosto do meu apartamento, gosto de limpá-lo e me orgulho disso”. Ele tenta contá-la sobre as “coisas com as quais eu me importo na vida”, mas ela, como resposta de fuga ao comportamento de Jon diz: “Não falaremos disso agora”. A conversa acaba sendo encerrada. Diante disso, nota-se mais um indício de que o interesse de Barbara por Jon e o comportamento dela de manter o relacionamento também estão sob o controle de reforçadores condicionados generalizados. Durante todo o filme, Barbara demonstra não discriminar o que é reforçador para Jon, fora o sexo. Aparentemente, as consequências naturais do convívio com Jon, como saber quais são as preferências de Jon, saber o que é importante para ele, conhecê-lo intimamente, nem mesmo tem valor reforçador para seus comportamentos.

Nota-se que regras como “quanto mais ele abrir mão do que gosta por mim, maior será o meu valor”, “quanto mais ele fizer coisas só por que eu pedi, mais sincero é o amor dele por mim”, “quanto mais ele se esforçar para me agradar, mesmo que não

esteja agradando a si mesmo, melhor” (emissão de respostas de alto custo), parecem exercer forte controle sobre todos os comportamentos de Barbara relacionados a escolha de um namorado e investimento em um relacionamento. O que parece ser reforçador para ela é o que é chamado cotidianamente de “provas de amor”, que, por sua vez, são ocasião para que as pessoas a valorizem como mulher e até que seja considerada melhor que outras. Em termos práticos, estas “provas de amor” seriam os reforçadores renunciados por Jon.

Barbara impôs várias condições, ou seja, emitiu várias regras sobre o que Jon teria que fazer para manter o relacionamento. Ao mesmo tempo, ele, além de comportar-se sob o controle de todas estas regras, não impôs nenhuma condição. Nem mesmo quando estava privado de sexo ele emitiu regras colocando a relação sexual como condição ao namoro. Para Barbara, a situação assemelha-se ao que geralmente é tratado como algo mais “cômodo”, na medida em que ela não estava exposta a contingências em que tivesse de emitir respostas de alto custo. Estas contingências podem ser analisadas como mais um indício da relação hierárquica entre o casal. É possível perceber também que Barbara exerce controle coercitivo sobre o comportamento de Jon. Diante disso, ele, em sua posição de controlado na relação, teve muito mais contato com estimulação aversiva que Barbara. Mesmo assim, apesar de emitir algumas respostas de contracontrole, ele não terminou o namoro.

Na cena em que o casal rompe o namoro, Barbara pune novamente o comportamento de Jon assistir vídeos pornográficos com críticas e gritos. Ele emite relatos sob o controle intraverbais como “eu te amo” e “todo cara assiste pornô”, mas não há efeito de eliminar os estímulos aversivos. Quando ela pergunta por que ele os assiste, ele parece emitir um tato aparentemente correspondente: “Eu não sei, está legal? Eu não sei!”. Jon não discrimina as variáveis mantenedoras do comportamento de

assistir aos vídeos, ou seja, não tem autoconhecimento. Ele acaba também criticando os filmes de que a namorada gosta. O personagem chega a pedir desculpas para a namorada. Aparentemente, este comportamento tem função de mando disfarçado, como “pare de brigar comigo”. A função manipulativa deste relato não é reforçada por Barbara, que acaba encerrando o relacionamento. Com o fim do namoro, é estabelecida para Jon condição de privação de reforçadores ligados ao sexo com Barbara e dos reforços condicionados generalizados ligados a ela.

Sobre o fim do namoro, Jon emite a seguinte verbalização:

Em dias como esses (assistiu a todos os vídeos pornográficos que quis), me lembro como adoro ser solteiro. Faço o que quero, quando eu quero. Não preciso furar com meus amigos. Não preciso perder meu tempo numa sala de aula. É uma ótima sensação, tipo recuperei minha vida.

É possível dizer que esta verbalização esteja sob o controle intraverbal. O relato de estar bem, mesmo quando não é correspondente, costuma dar acesso a reforçadores condicionados generalizados. Ao mesmo tempo, é comum que atos correspondentes e que descrevem respostas emocionais aversivas sejam punidos pela comunidade verbal. Jon tem acesso a reforçadores quando emite comportamentos que servem de ocasião para as pessoas o considerarem um “macho alfa”. Portanto, comportamentos opostos a estes, como demonstrar tristeza e saudade de uma mulher que o rejeitou, têm poucas chances de serem emitidos. Provavelmente sob o controle destas mesmas variáveis, Jon vai a boate encontrar os amigos e comporta-se publicamente de maneira que não permita a ninguém o acesso a seus comportamentos emocionais aversivos. A questão de demonstração pública de sentimentos será retomada no capítulo a seguir.

5. Esther

A relação de Jon com a personagem Esther é de extrema importância para a análise de sua mudança comportamental ao longo do filme. Nas interações com ela, o comportamento de Jon teve novas consequências, diferentes das que ele tinha nas interações com os demais personagens. Diante disso, Jon passou a variar seu comportamento, passou a seguir novas regras e teve acesso a reforço natural.

A primeira cena em que Esther aparece, ela está chorando na porta da instituição em que Jon estuda. Está na hora da aula e ele tem que passar por lá. Pode-se dizer, diante de alguns comportamentos públicos de Jon, que ele se sente incomodado ao vê-la chorando. Ele “resmungo” e parece tomar coragem para passar por ela. Parece ser aversivo para Jon ver, ou até mesmo passar por alguém que se comporta de maneira que costuma ser ocasião para se dizer que está “triste”. Possivelmente, esse é um tipo de contingência ao qual ele não costuma se expor. Em suas outras relações, as pessoas emitem comportamentos públicos diante dos quais diz-se que as pessoas sentem “raiva” (pai, mãe, Danny) ou até “decepção”, mas nunca “tristeza”. Ao que parece pelas cenas, pode-se dizer que ele mesmo não costuma comportar-se de maneira que pareça “frágil”. Seu modo de andar, de falar com os amigos e mulheres e de colocar-se em discussões com o pai apresentam topografia diante da qual cotidianamente diz-se que alguém é confiante ou seguro de si. Esses comportamentos provavelmente lhe dão acesso a reforçadores condicionados generalizados.

Em contrapartida, é bem provável que comportamentos como o de chorar em lugares públicos gerem comentários críticos. O fato de comportamentos de fragilidade emocional como este serem culturalmente considerados característicos de mulheres parece ser relevante para o estabelecimento desta contingência. É possível que seja aversivo para Jon discriminar em seu repertório comportamentos tipicamente femininos. Provavelmente, haveria também punição social para a emissão de comportamentos

característico do repertório de mulheres. No entanto, o comportamento de cuidar do próprio apartamento, que também seria característico de mulheres, não parece ser aversivo, e sim reforçador. É possível que isso decorra do fato de que, para Jon, este comportamento pertença a classe “independência”, que provavelmente lhe dá acesso a reforço condicionado generalizado, como elogios.

Em outra cena do filme, Jon aparece observando Esther de longe. A expressão dela, cotidianamente tida como indicação de “tristeza”, parece ter uma função diferente para Jon. Ele não se esquia do contato, ainda que de longe, com a imagem de alguém que demonstra uma emoção. Ele continua olhando e sua própria expressão facial apresenta-se semelhante à de Esther. É possível que, neste momento, Jon tenha entrado em contato com suas próprias respostas emocionais ao ver alguém “triste”.

Quando se encontram novamente, Esther aproxima-se de Jon. O momento em que ela se dirige a ele é inconveniente para Jon, pois ele está assistindo a um vídeo pornográfico no celular. Ele não dá muita atenção para ela, até que ela faz a seguinte pergunta: “Isso pode ser grosseiro, mas estava assistindo pessoas transando no seu celular?”. Apesar de Esther dizer “Não estou te julgando” e ter feito a pergunta de uma maneira bastante natural e sem indícios de punição, Jon reage encerrando a conversa. Pode-se dizer que, em decorrência do histórico de contato com estimulação aversiva ao ser flagrado assistindo aos vídeos pornográficos, exerce controle sobre o comportamento de esquia de falar sobre o assunto, mesmo diante de audiências possivelmente não-punitivas.

Quando Esther dá de presente para Jon um vídeo erótico, ele novamente emite comportamento de esquia. Ele diz: “Você é louca?” e recusa o presente. Ela diz que “Eu só não achei que seria grande coisa, só achei que algo melhor que o lixo que vê no seu celular lhe seria útil”. Quando ela diz “Se tem namorada, por que está assistindo a

vídeos pornográficos?”, Jon reage criticando-a: “você é esquisita”. Para ele, esta pergunta parece ter função aversiva. É possível que tenha gerado respostas emocionais aversivas semelhantes às geradas em situação de crítica ao comportamento de assistir filmes pornográficos.

Neste diálogo com Esther, Jon chega a dizer que as pessoas que ele assiste “não estão fingindo” e Esther diz que “é claro que estão”. Jon parece não saber do que ela está falando e se afasta. O personagem não discrimina que as cenas de sexo presentes nos vídeos aos quais assiste podem não ser precisas como modelo de relação sexual real. Além disso, também não discrimina que as autorregras possivelmente formuladas a partir do conteúdo dos vídeos na verdade não correspondem às contingências em vigor.

Esther aproxima-se de Jon mais uma vez para pedir-lhe para copiar suas anotações das aulas. Apesar de não emitir respostas categorizadas socialmente como “simpatia”, Jon atende ao pedido. Mesmo ele comportando-se de maneira que não sinaliza disponibilidade de reforço diante das repostas verbais de Esther (expressão séria, respostas curtas, usar o celular, não olhar para ela), ela continua fazendo perguntas a Jon. Ela faz perguntas sobre o motivo de ter escolhido o curso, Jon responde que não escolheu. Quando Esther insiste na pergunta, ele diz “Parecia uma boa ideia. Trabalho na área de serviços agora (...) Para subir é preciso estudar”. Esta nova resposta à pergunta parece estar sob o controle intraverbal. Esta última é mais aceitável socialmente que a primeira resposta, provavelmente sendo conseqüenciada com acesso a reforço condicionado generalizado como admiração, ser considerado uma pessoa esforçada, etc.

Esther pergunta se foi outra pessoa quem escolheu para ele, como seus pais ou namorada. Jon reage mais uma vez de maneira “agressiva”, emitindo respostas como mudar expressão facial, falar mais alto e dizer que a resposta não interessa a ela. Estes

comportamentos de Jon podem ser entendidos como uma forma de esquiva de entrar em contato com as reais variáveis de controle de seu comportamento de frequentar as aulas. Provavelmente, seria aversivo para ele discriminar que não vai ao curso sob o controle das variáveis que geralmente estão ligadas a este tipo de comportamento, como as que ele mencionou em resposta à pergunta de Esther. Pode-se dizer que o autoconhecimento neste contexto geraria contato com sensações semelhantes às geradas no momento em que seu pai diz que ele é uma criança. Ele acaba tomando seu caderno de Esther, bruscamente, e vai embora batendo a porta do carro. Ela, por sua vez, sorri.

Ainda sobre este diálogo, pode-se dizer que Esther, ao fazer perguntas sobre as variáveis de controle do comportamento de Jon, estaria sob o controle de reforçadores naturais de interações sociais, como conhecer as pessoas e saber coisas sobre elas. Nas cenas do filme, Barbara não emitiu nenhuma pergunta sob o controle de reforçadores naturais. Suas verbalizações dirigidas a Jon tinham como reforço o controle do comportamento do namorado. A família de Jon também não fez nenhuma pergunta cujo reforço seria conhecê-lo melhor. Ao fazê-lo, Esther estaria dando modelo de uma nova forma de se relacionar com as pessoas, além de oferecer ocasião para que ele fale de si. Jon também não costuma fazer perguntas desse tipo.

Após o término do namoro com Barbara, Jon encontra Esther mais uma vez. Ele está em condição de privação de relações sexuais e, desta vez, é ele quem se aproxima dela. Eles acabam tendo relação sexual. Ela pergunta sobre o término do namoro e ele emite novamente o intraverbal: “Dane-se a vadia”. Para ela, Jon conta toda a verdade sobre os fatos que levaram Barbara a interromper o relacionamento. Ele emite o seguinte tato: “Ela bisbilhotou no meu computador, descobriu que eu assisto pornografia. Falei que todos os caras fazem isso e ela não acreditou. Ela agiu como se eu a traísse, o que eu não fiz. Então... terminamos”. Aparentemente, os relatos de Jon

estão sob o controle das interações anteriores com Esther, nas quais não houve críticas diante de relatos correspondentes. Ao invés disso, Esther sempre demonstrou interesse pelas verbalizações verdadeiras, ou seja, houve disponibilidade do reforço “atenção” diante da emissão de tatos.

Mesmo assim, Jon emite um intraverbal: “Estou feliz por isso”. Aparentemente, pelo que as cenas mostram, esse relato não é correspondente aos estímulos emocionais com os quais Jon têm entrado em contato. Pode-se dizer que, mesmo Esther estando em posição de audiência não-punitiva, ainda é aversivo para Jon dizer que se sente “triste”, por exemplo.

Esther faz várias perguntas a Jon, como sobre a frequência com que ele assiste aos vídeos, sobre quando foi o último dia que ele ficou sem assistir aos vídeos, se já pensou em parar. Ela não diz o que ele deveria fazer, ou seja, não emite regras sobre o que é “certo” e “errado”. A reação dela quando Jon diz que prefere vídeos pornográficos a sexo real é um ótimo exemplo de como ela coloca-se em posição de audiência não-punitiva e reforça o relato correspondente de Jon com novas perguntas. É possível dizer que Esther está em papel de audiência não punitiva na maior parte do tempo. Porém, ela emite um tato que provavelmente teve função aversiva para Jon: “Você é tipo um viciado, não consegue parar”. Apesar disso, este tato pode ter servido de modelo para o comportamento verbal de Jon. A emissão de verbalizações desse tipo costuma ser descrita socialmente como “dizer o que pensa”.

Diante destas análises, pode-se dizer que ela cria ocasião para que Jon pense sobre o assunto. Com suas perguntas, ela acaba influenciando a probabilidade de emissão do comportamento de Jon de analisar seu próprio comportamento. Ao discriminar variáveis de controle, a emissão de respostas de autoconhecimento se torna

mais provável. A última pergunta que ela faz é: “Já se masturbou sem pornô?”. Jon não responde.

Sob o controle desta última pergunta, Jon emite respostas controladoras para o comportamento de assistir pornografia (resposta controlada). Ele desliga o computador, afasta-se fisicamente dele. Ele emite o seguinte tato para a audiência do filme: “Não sou um viciado, isso é estupidez. É pornô, não heroína. Conheci uns caras no colégio que fumavam crack o tempo todo. Isso é ser viciado. Não conseguiam parar. Eu posso parar quando eu quiser”. Outras respostas de autocontrole foram emitidas por ele, como não comprar uma revista de conteúdo erótico em um supermercado. Ao que parece, estas foram respostas de alto custo para o personagem.

Jon procura Esther novamente e diz:

Tudo bem. Você estava certa (...) Eu parei de assistir pornografia (...) Eu não ia parar, mas pensei no que disse antes, se eu já tinha me masturbado sem assistir e eu tentei e não consegui. Não sei o que há comigo. Tento há uma semana mas não rola.

Neste momento, pela primeira vez no filme, Jon emite tatos aparentemente puros que assemelham-se ao que é nomeado cotidianamente de “insegurança”. Eles têm uma conversa em que Esther emite o seguinte tato:

Por favor, esses filmes são ridículos e não têm nada a ver com sexo real
(...) Querido, vou ser sincera com você, pois parece que é o que você quer. Seu jeito de fazer sexo é totalmente unilateral. É como se eu nem estivesse lá.

Esther emite ainda a seguinte regra: “Se quer se perder [no sexo real], você precisa se entregar à outra pessoa, e ela tem que se entregar a você. É uma via de mão dupla”. Jon parece ouvir atentamente o relato de Esther. Pela primeira vez no filme, ele

não reage a uma crítica de maneira considerada “agressiva”. Diante da expressão séria de Jon e de seu silêncio, Esther pede desculpas e o abraça.

Pouco depois disso, Jon vê Esther chorando novamente. Diante disso, ele a pergunta o que aconteceu. Esther diz: “Desde quando faz perguntas pessoais?”. De fato, é a primeira vez no filme que Jon faz este tipo de pergunta a alguém. Ele coloca-se disponível para ouvi-la: senta-se ao seu lado e estimula seu relato dizendo que “é ruim manter coisas assim escondidas”. Esther conta sua história e Jon reforça seu relato com atenção e interesse. Eles acabam tendo relação sexual, a qual Jon refere-se em outras cenas como “diferente”. Na cena seguinte, Jon aparece dirigindo seu carro, cantando a música a qual ele escuta e canta foi usada no filme como uma forma de mostrar como ele estava se sentindo. A letra da música diz: “É uma vibração tão boa. É uma agradável sensação”. Em todas as outras cenas em que Jon aparece dirigindo ele está falando alto com os outros motoristas, xinga, buzina e chega a quebrar o vidro de outro carro.

6. O Final Feliz: Sensibilidade aos Reforçadores Naturais

Nas últimas cenas do filme, Jon mostra uma grande mudança em seu padrão comportamental. As contingências analisadas nos capítulos anteriores tiveram grande influência nesta mudança. Pelo que se nota nas cenas, uma mudança muito marcante no padrão comportamental de Jon foi o desenvolvimento, a partir de regras emitidas por Esther e de exposição às contingências, da habilidade de discriminação de reforçadores naturais das interações sociais. Estes reforçadores naturais passaram a exercer controle sobre o seu comportamento. O personagem também parece ter aprendido a descrever algumas variáveis de controle de seu próprio comportamento, caracterizando respostas de autoconhecimento. Jon passou também a discriminar estímulos relacionados ao estado emocional das outras pessoas e a comportar-se de outra maneira diante deles.

Parece ainda ter adotado uma nova postura diante de críticas. Todas estas mudanças serão discutidas a seguir.

Em relação aos amigos, algo incomum acontece. Ao invés de levar uma mulher para seu apartamento depois de uma festa, Jon vai a uma pizzaria com eles. Os amigos surpreendem-se com esse comportamento, dizem que “Essa é novidade”. Como uma das variáveis de controle para este comportamento, Jon relata que a garota de quem se aproximou na festa acabou não sendo tão interessante para ele, mesmo sendo considerada bonita. Aparentemente, este foi um tato correspondente. É possível que, ao concorrer com o alto valor reforçador da interação com os amigos, os estímulos que haviam adquirido função reforçadora condicionada, perderam valor reforçador. Este pode ser considerado um indício de que o comportamento de Jon passou a ficar mais sob o controle dos reforçadores naturais da companhia deles.

É possível ainda que Jon tenha discriminado que é possível obter outros reforçadores, além dos condicionados generalizados, estando na companhia de uma mulher. Ao não obter estes reforçadores na companhia da mulher escolhida na noite, Jon acompanha os amigos. As interações reforçadoras com Esther podem ter contribuído para o estabelecimento deste comportamento.

Outra mudança no comportamento de Jon em relação a suas amizades foi que ele não criticou a mulher escolhida por seu amigo, como costumava fazer. Ao invés disso, Jon reforçou o comportamento do amigo de contar que anotou o número de telefone de uma garota, comemorando com ele. Neste momento, Jon foi sensível ao estado emocional do amigo e comportou-se sob o controle disso. Em outros momentos do filme, Jon não parecia estar atento a estes elementos do comportamento de outras pessoas. Pelo que se pode perceber na cena, o momento que Jon teve com seus amigos lhe deu acesso a diversos reforçadores naturais do convívio com eles. É provável que o

comportamento de passar mais tempo na companhia deles tenha sua frequência aumentada.

No que diz respeito à relação de Jon com sua família, as novas contingências em vigor influenciaram o comportamento de lhes contar que não estava mais namorando Barbara. Ao emitir este comportamento, Jon acaba entrando em contato com reações dos pais provavelmente aversivas para ele como o choro e cobranças de um neto por parte da mãe e muitas perguntas por parte do pai. Apesar disso, Jon não emite comportamentos de esquiva e mantém sua afirmação de que não há mais relacionamento e nem possibilidade de retomá-lo. Nesta situação, pode-se dizer que o comportamento de Jon de dizer o que pensa foi influenciado pelo modelo dado por Esther e pela exposição a contingências de reforçamento ao dizer a verdade.

Durante este diálogo, Jon diz também que não sabe se quer ter filhos. Aparentemente, trata-se de um relato correspondente. Essa pode ser considerada uma resposta de autoconhecimento. Diante da afirmação do filho, o pai emite a seguinte regra: “Ter uma família é a maior alegria da vida de um homem”. A formulação desta regra é influenciada pela cultura de maneira geral, inclusive por outras agências controladoras, como por exemplo a Religião. Jon mantém sua opinião mesmo diante da estimulação aversiva.

Ainda nesta cena, o comportamento inusitado da irmã de dar sua opinião chama a atenção. Ela diz que foi bom eles terem terminado. Ela avalia que Barbara só queria alguém que a obedecesse e que não se importava realmente com Jon. Assim, além de reforçar o tato correspondente de Jon, ela deu modelo de uma avaliação mais ampla e que levasse em conta variáveis presentes no namoro do irmão que poderiam estar colocando-o em uma situação aversiva. Jon chegou a dizer que não estava feliz com Barbara, verbalização que não teve função discriminativa para o comportamento dos

pais. Suas reações estavam mais sob o controle de regras sociais e do que seria reforçador para eles mesmos do que para o quanto o namoro era reforçador para seu filho.

Em uma das cenas conclusivas do filme, é mostrada uma conversa entre Jon e Barbara. Entende-se que Jon fez o convite. Ele emite o seguinte tato aparentemente puro: “Eu só queria me desculpar. Eu menti para você e sinto muito por isso”. Pode-se dizer que, mais uma vez, houve controle do comportamento por reforçadores naturais de pedir desculpas. Diante deste relato, a reação de Barbara foi de surpresa e aparente desapontamento. É possível que o comportamento de Barbara de aceitar o convite e comparecer ao encontro tenha sido controlado pela possibilidade de ouvir o ex-namorado pedindo para que retomassem o relacionamento. Ela diz: “Não sei o que responder. Perdoo você e nós reatamos ou algo assim?”. Agindo dessa maneira, ela puniu o comportamento de Jon de pedir desculpas, além do comportamento de emitir tatos puros.

Ela emite ainda mais verbalizações potencialmente aversivas para Jon como acusações do tipo “você não é capaz de ter um relacionamento”. Ao contrário do que costumava fazer diante de verbalizações geralmente categorizadas como críticas, Jon não emite respostas de contracontrole. Pode-se levantar a hipótese de que as críticas de Esther tenham tido efeitos reforçadores a longo prazo, como favorecer respostas de autoconhecimento. Diante do contato com esta nova contingência, Jon parece ter passado a responder a críticas não como “ofensas” ou “ataques”, mas como estímulos discriminativos para atentar-se a nuances de seu próprio comportamento.

Jon acaba concordando com a afirmação de Barbara. Feito isso, ele emitiu mais um comportamento de autoconhecimento. Quando ela diz que o pediu apenas uma coisa, ele argumenta que ela não pediu apenas uma coisa, o que demonstra que ele

discrimina variáveis presentes no namoro que antes não discriminava e que talvez ela ainda não discrimine, como suas próprias cobranças e condições. Enquanto Jon parece ter refinado sua capacidade de discriminação de variáveis de controle, Barbara parece continuar discriminando o que é chamado cotidianamente de “defeitos” apenas nas outras pessoas. Nota-se que ela também não discrimina quais dos comportamentos que emitiu poderiam ter exercido função de estímulos aversivos para Jon.

Durante a conversa, Barbara emite a regra que parece controlar seu comportamento durante todo o filme: “Quando um homem ama uma mulher, não se importa de fazer coisas por ela, ele faz qualquer coisa por ela”. Jon reage dizendo: “Não acha que isso é um pouco unilateral?”. Pode-se dizer que a conversa e convívio com Esther tiveram efeito de favorecer a discriminação de que esse tipo de comportamento não tem como variável de controle o bem-estar do outro e, sendo assim, caracteriza uma postura “unilateral”. Ele agora parece identificar comportamentos desse tipo tanto em seu próprio repertório (resposta de autoconhecimento) quanto no da ex-namorada.

Jon concorda mais uma vez com Barbara quando ela aponta como variável de controle para o comportamento dele assistir vídeos pornográficos o fato de não ter que “fazer nada por elas”. Ela também o chama de “egoísta e mentiroso”. Ele, mais uma vez, concorda e desculpa-se. Barbara encerra a conversa e pede que ele não a ligue mais.

A últimas frases que Jon emite são dirigidas à audiência do filme, o telespectador. Alguns pontos desta fala merecem destaque. Ele conta como, diante de Esther, coisas que o incomodavam na interação com outras mulheres não o incomodam mais. O comportamento de Esther de olhar em seus olhos e seu próprio comportamento de olhar nos olhos dela não têm efeito aversivo para ele. Pode-se dizer que este é um comportamento da classe “sentir-se à vontade na presença de alguém”. Esta sensação

provavelmente é efeito do pouco contato com estimulação aversiva na relação dos dois personagens, além da presença de reforçadores.

Como já mencionado neste trabalho, diante de audiência não-punitiva, comportamentos suprimidos pela história de punição podem voltar a ocorrer (Skinner, 1969/1984). Este pode ser o caso do comportamento de olhar nos olhos, além de outros observados nas cenas, como conversar por muito tempo. Jon diz ainda que, ao olharem-se nos olhos, “logo estou duro como uma pedra”. Esta expressão foi usada por ele para descrever, no início do filme, os respondentes eliciados pelo som do site de vídeos pornográficos. Pode-se dizer que o uso do mesmo termo se deu por tratar-se de descrição de estímulos de função semelhante para ele, no caso, reforçadora ligada à excitação sexual. É possível também que este seja um indício de que novos comportamentos substituíram o comportamento de assistir a vídeos pornográficos e se masturbar, já que permitem acesso aos mesmos reforçadores.

Na fala de Jon, ele emite descrições semelhantes ao que é considerado socialmente como “relação de intimidade”. Ele diz que “Ela parece saber o que estou pensando. Ou eu sei o que ela pensa, ou sei lá. É uma via de duas mãos. E eu adoro isso”. Em relações deste tipo, as pessoas comportam-se de maneira discriminada diante dos relatos uns dos outros, atentam para as preferências e expressão de sentimentos uns dos outros. Esta relação é bastante diferente da que Jon tinha com Barbara, em que havia muitas regras e comentários punitivos. Barbara não emitia comportamentos cotidianamente nomeados de atenção para as opiniões do namorado. Jon agia da mesma forma, cedendo a suas exigências sob o controle da consequência que seria imposta por ela e de reforçadores condicionados generalizados, principalmente diante de sua família.

Com Esther, os reforçadores naturais do tempo que passam juntos parecem ser as principais variáveis de controle do comportamento de Jon de manter a relação com

ela. Jon descreve como é o sexo com ela usando termos parecidos, que também são ocasião para se dizer que existe relacionamento íntimo. A verbalização emitida foi: “Acho que falo de amor como, sabe, quando você faz amor e, enquanto você está transando, o resto desaparece”.

Finalizando o filme, o personagem diz: “Somos só eu e ela bem ali. E eu me entrego a ela e sei que ela está se entregando a mim. E estamos simplesmente transando, perdidos juntos”. Diante desta verbalização, é possível dizer que novas contingências de relação sexual foram instaladas. Este relato de Jon pode ser entendido como mais um indício de que novos comportamentos contingentes ao prazer sexual substituem os vídeos e masturbação em seu repertório.

O termo “entrega” usado por Jon pode ser entendido como uma forma de tatear que, naquele momento, seu comportamento fica primordialmente sob o controle dos estímulos da própria relação sexual. Não há controle por variáveis externas como regras culturais ou reforço condicionado generalizado. Não havendo controle por regras, há maior probabilidade de sensibilidade à contingência em vigor. Dessa forma, os reforçadores naturais são as principais variáveis de controle do comportamento de Jon de ter relação sexual com Esther.

Conclusão

O filme propõe uma visão alternativa sobre relacionamentos amorosos quando comparado a outros filmes do mesmo gênero. Propõe uma conduta menos suscetível ao controle por regras e aprovação social. O filme mostra como um homem jovem mudou sua relação com o sexo de maneira geral e com as pessoas a sua volta. O personagem principal passa por um processo de autoconhecimento e desensibilização a elementos naturalmente disponibilizados na interação com o ambiente.

Conclui-se que foi possível analisar funcionalmente muitos dos comportamentos complexos emitidos pelos personagens a partir das informações contidas nas cenas do filme. Foi possível também inferir variáveis de controle que não são explicitamente tratadas no filme, como elementos culturais e da história de aquisição de alguns comportamentos. As cenas oferecem também informação suficiente para que fossem identificados padrões comportamentais do personagem, mostrando semelhanças de função entre algumas respostas emitidas em diferentes contextos.

As cenas do filme ilustraram comportamentos descritos por conceitos técnicos em Análise do Comportamento como comportamento governado por regras, emissão de relatos verbais de baixa correspondência, comportamentos variados com função de fuga e esquiva, entre outros. Diante destas ilustrações, foi possível visualizar de maneira mais concreta como estes comportamentos podem acontecer dentro de um padrão comportamental complexo e na interação social.

Foi possível também visualizar como a exposição a novas contingências, como por exemplo as interações com Esther, serviram de ocasião para a emissão de novos comportamentos. Foi possível notar a variabilidade comportamental e disponibilidade de reforço contingente a ela, o que tornou viável a mudança no padrão comportamental. Observou-se também como respostas de autoconhecimento emitidas pelo personagem principal da trama o deram acesso a benefícios. Pelo que é mostrado nas cenas do filme, Jon passou a se comportar de forma menos submissa aos reforçadores sociais e discriminar reforçadores naturais.

Assim, entende-se que os objetivos do trabalho foram atingidos. As análises feitas foram embasadas na literatura técnica em Análise do Comportamento e os conceitos propostos foram ilustrados. Pode-se dizer que as discussões apresentadas

mostram-se de fato úteis para o uso em ambiente acadêmico como recurso didático, propondo uma abordagem contextualizada de fenômenos comportamentais complexos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Albanezi, R. M. & Silva, M. S. (2014). *Agências Controladoras e Sexualidade: o Contracontrole como Possibilidade de "Liberdade"*. Retirado de <http://comportese.com/2014/12/agencias-controladoras-e-sexualidade-o-contracontrole-como-possibilidade-de-liberdade/>
- Baum, W. M. (1999/2006). *Compreender o Behaviorismo: Comportamento, Cultura e Evolução*. (M. T. A. Silva, Trad.) Porto Alegre: Artmed.
- Baldwin, J. D. & Baldwin, J. L. (1998). Reforçadores e Punidores Incondicionados. Em Baldwin, J. D. & Baldwin, J. L., *Princípios do Comportamento na Vida Diária* (pp. 89-118). (Obra originalmente publicada em 1987).
- Barros, F. S. M. B. (2010). *Regras em Clínica e em Relacionamentos Amorosos: Um Estudo de Caso*. (Monografia de conclusão do curso de Psicologia da Faculdade de Ciências da Educação e Saúde). Centro Universitário de Brasília – UniCEUB. Brasília-DF.
- Barros, R. S. (2003). *Uma Introdução ao Comportamento Verbal*. Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, V(1), 73-83.
- Borges, A. L. V. (2007). *Pressão Social do Grupo de Pares na Iniciação Sexual de Adolescentes*. Revista Esc Enferm USP. 41, 782-786.
- Brandenburg, O. J. & Weber, L. N. D. (2005). Autoconhecimento e Liberdade no Behaviorismo Radical. Psico-USF. 10 (1), 87-92.

- Carvalho, M. C. & Medeiros, C. A. (2005). *Determinantes do seguimento da regra “Antes Mal Acompanhado do que Só”*. *Universitas Ciências da Saúde*. 3 (1), 47-64.
- Catania, A. C. (1998/1999). *Aprendizagem: Comportamento, Linguagem e Cognição*, 145-162. Porto Alegre: Artmed.
- Cavalcante, S. N. & Tourinho, E. Z. (1999). *Análise Funcional na Terapia Comportamental: Uma Discussão das Recomendações do Behaviorismo Contextualista*. (Dissertação de Mestrado em Psicologia: Teoria e Pesquisa do Comportamento). Universidade Federal do Pará, Belém – PA.
- Chamati, A. B. D. & Pergher, N. K. (2009). *Modelagem do Comportamento de Falar a Verdade em Sessões de Terapia*. *Revista. Psicolog.* 2 (1), 65-76.
- Costa, S. E. G. C. & Marinho, M. L. (2002). *Um Modelo de Apresentação de Análise Funcional do Comportamento*. *Revista Estudos de Psicologia*. 19 (3), 43-54.
- Cruz, R. N. (2006). *Uma Introdução ao Conceito de Autocontrole Proposto pela Análise do Comportamento*. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, VIII (1), 85-94.
- Cunha, L. S. & Bortoli, E. B. (2009). *O Efeito de Contingências de Reforçamento Programadas sobre o Relato de Eventos Privados*. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, XI (2), 209-230.
- Dittrich, A., Todorov, J. C., Martone, R. C. & Machado, V. L; S. (2013). *Agências de Controle*. Em Moreira, M. B. (Org.). *Comportamento e Práticas Culturais*(pp. 137-167). Brasília: Instituto Walden4.
- Gerbase, C. (2006). *Imagens do Sexo: As Falsas Fronteiras do Erótico com o Pornográfico*. *Revista FAMECOS*. 31, 39-46.

- Guilhardi, H. J. (2002a). Autoestima, Autoconfiança e Responsabilidade. Em Brandão, M. Z. S., Conte, F. C. S. & Mezzaroba, S. M. B. (Orgs.) (2002). *Comportamento Humano: Tudo (ou quase tudo) que Você Precisa Saber para Viver Melhor.*(pp. 63-98). São Paulo: Esetec.
- Guilhardi, H. J. (2002b). Análise Comportamental do Sentimento de Culpa. Em Teixeira, A. M. S., Assunção, M. R. B., Starling, R. R. & Castanheiras, S. S. (Orgs.). *Ciência do Comportamento: Conhecer e Avançar.* (Vol. 1, pp. 158-183). Santo André: Esetec.
- Jonas, A. L. (1997). O que é Auto-regra? Em Banaco, R. A. (Org.). (1997). *Sobre Comportamento e Cognição: Aspectos Teóricos, Metodológicos e de Formação em Análise do Comportamento e Teoria Cognitivista.*(Vol. 1, pp. 144-147). São Paulo: Arbytes.
- Hayes, S. C., Zettle, R. & Rosenfarb, I. (1989). Rule-following. Em S. C. Hayes (Org.), *Rule Governed Behavior: Cognition, Contingencies and Instructional Control* (pp. 191-220). New York: Plenum.
- Ollavarío, J. (1999). Desejo, Prazer e Poder: Questões em Torno da Masculinidade Heterossexual. Em Barbosa, M. R. & Parker, R. (Orgs.) *Sexualidades Pelo Avesso: Direitos, Identidade e Poder.* Rio de Janeiro: Editora 34.
- Marçal, J. V. S. (2010). Behaviorismo Radical e Prática Clínica. Em de-Farias, A. K. C. R. (Org.) *Análise Comportamental Clínica – Aspectos Teóricos e Estudos de Caso.* (pp. 30-48). Brasília: Artmed.
- Matos, M. A. (1991). As Categorias Formais de Comportamento Verbal em Skinner. Em M. A. Matos, D. G. Souza, R. Gorayeb & V. R. L. Otero (Orgs.). *Anais da XXI Reunião Anual de Psicologia.* (pp. 333-341). Ribeirão Preto: SPRP.

Medeiros, C. A. (2002). *Comportamento Verbal na Terapia Analítico Comportamental*.

Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognição, IV (2), 105-118.

Medeiros, C. A. & Rocha, G. M. (2004). Racionalização: um breve diálogo entre a

psicanálise e a análise do Comportamento. Brandão, M. Z. (org.). *Sobre*

Comportamento e Cognição: Contingências e Metacontingências:

contextos socioverbais e o comportamento do Terapeuta. (Vol. 13, pp. 27-38).

São Paulo: Esetec.

Medeiros, C. A. (2013). Mentiras, Indiretas, Desculpas e Racionalizações:

Manipulações e Imprecisões do Comportamento Verbal. Em Costa, C. E.,

Cançado, C R. X, Zamignani, D. R. & Arrabal-Gil, S. R. S., *Comportamento em*

Foco.(Vol. 2, pp. 157-170). São Paulo: Associação Brasileira de Psicologia

Medicina Comportamental –ABPMC.

Meyer, S. B. (2007). Regras e Auto-regras no Laboratório e na Clínica. Em Abreu

Rodrigues, J.& Ribeiro, M. R. (Orgs.). *Análise do Comportamento*

Pesquisa, Teoria e Aplicação. Brasília: Artmed.

Moreira, M. B. & Medeiros, C. A. (2007). *Princípios Básicos de Análise do*

Comportamento. Brasília: Artmed.

Moreira, M. B., Machado V. L. S.&Todorov, J. C. (2013). Cultura e Práticas Culturais

Em Moreira, M.B. (Org.).*Comportamento e Práticas Culturais*.(pp. 14-23).

Brasília: Instituto Walden4.

Naves, A. R. C. X.& Vasconcelos, L. A. (2008). *O Estudo da Família: Contingências e*

Metacontingências. Revista Brasileira de Análise do Comportamento. 4 (1), 13-

25.

Paracampo, C. C. P. & Albuquerque, L. C. (2005). *Comportamento Controlado por*

Regras: Revisão Crítica de Proposições Conceituais e Resultados

- Experimentais*. Interação em Psicologia. 9 (2), 55-65.
- Pereira, H. C. F. (2013). *"500 Dias com Ela": Análise Comportamental de Relações Afetivas*. Monografia de conclusão do curso de Psicologia da Faculdade de Ciências da Educação e Saúde do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, Brasília-DF.
- Rico, V. V., Golfeto, R. & Hamasaki, E. I. M. (2002). Sentimentos. Em Moreira, M. B. & Hübner, M. M. C. (Orgs.). *Fundamentos de Psicologia Temas Clássicos de Psicologia sob a Ótica da Análise do Comportamento*. 88-99. Rio de Janeiro: Granabara Koogan.
- Santos, G. M.; Santos, M. R. M. & Marchezini-Cunha, V. (2012). Operantes Verbais. Em Borges, B. B. & Cassas, F. A. (Orgs.) *Clínica Analítico-Comportamental Aspectos Teóricos e Práticos*(pp. 64-76). São Paulo: Artmed Editora S.A.
- Serio, T. M. A. P. (2001). A Concepção de Homem e a Busca de Autoconhecimento: Onde está o Problema. Em R. A. Banaco (Org.). *Comportamento e Cognição* (Vol. 1,206-212). Santo André, SP: ESETec Editores Associados.
- Sidman, M. (2009). *Coerção e suas Implicações*. Andery, A. M. & Sério, T. M. (Trads.). Campinas: Editora Livro Pleno. (Publicado originalmente em 1989).
- Silva, J. S. (2007). *Autoconhecimento como Técnica Terapêutica para a Mudança Comportamental*.(Monografia de conclusão do curso de Psicologia da Faculdade de Ciências da Educação e Saúde). Centro Universitário de Brasília – UniCeub, Brasília – DF.
- Silva, L. G. (2008). *O Fantasiar na Perspectiva da Análise do Comportamento*. (Monografia de conclusão do curso de Psicologia na Faculdade de Ciências da Educação e Saúde). Centro Universitário de Brasília – UniCeub, Brasília – DF.

- Silva, C. C. & de-Farias, A. K. C. R. (2010). *Comportamento Governado por Regras: Um Estudo de Caso*. Em de-Farias, A. K. C. R. (Org.) *Análise Comportamental Clínica – Aspectos Teóricos e Estudos de Caso*. 231-251. Brasília: Artmed.
- Simonassi, L. E., Pinto, M. B. P. & Tizo, M. (2011). *Procedimento Alternativo para Produção de Correspondência*. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, XIII (3), 34-51.
- Skinner, B. F. (1953/1998). *Ciência e Comportamento Humano*. (J. C. Todorov & R. Azzi, Trans.). São Paulo: Martins Fontes.
- Skinner, B. F. (1978). *O Comportamento Verbal*. (M. P. Villalobos, Trad.) São Paulo: Cultrix. (Publicado originalmente em 1957).
- Skinner, B. F. (1984). *Contingências de Reforço: Uma Análise Teórica* (R. Moreno Trad.). São Paulo: Abril Cultural. (Publicado originalmente em 1969).
- Skinner, B. F. (2012). *Sobre o Behaviorismo*. (M. P. Villalobos, Trad.) São Paulo: Cultrix Ltda. (Publicado originalmente em 1974).
- Skinner, B. F. (1987), What is Wrong with Daily Life in the Western World? in: Skinner, B. F. Upon Further Reflection. Englewood Cliffs (New Jersey): Prentice Hall, p.15-31. (R. C. Gomes, J. Guilhardi, N. C. Aguirre, Trans.) para uso exclusivo dos grupos de estudo e supervisão do Instituto de Terapia por Contingências de Reforçamento (ITCR).
- Skinner, B. F. (2002). *Questões Recentes na Análise Comportamental*. (Trad. A.L. Neri). São Paulo: Papyrus. (Obra originalmente publicada em 1989).
- Souza, D. G. (1999). O que é contingência? Em Banaco, R. A. (Org.) *Sobre Comportamento e Cognição: Aspectos Teóricos, Metodológicos e de Formação em Análise do Comportamento e Terapia Cognitivista*(Vol. 1, 82-87. Santo André: ARBytes.

Vargas, E. A. (2007). *O Comportamento Verbal de B. F. Skinner: Uma Introdução*.

Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, IX(2), 153-174.

Wechsler, A. M. & Amaral, V. L. R. (2009). *Correspondência Verbal: Uma Revisão da*

Literatura. Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva. XI(2),

189-208.